

REVISTA ACADÊMICA IV

Ano 2013

ACADEMIA IPUENSE DE LETRAS,
CIÊNCIAS E ARTES





ACADEMIA IPUENSE DE LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES
Rua Cel. Pedro Aragão, 1271 - CEP: 62.250-000 - Ipu CE
(Antiga Rua da Goela)
E-mail: academia.ipuense@gmail.com

REVISTA ACADÊMICA IV

Ano 2013

ACADEMIA IPUENSE DE LETRAS,
CIÊNCIAS E ARTES

ORGANIZADORES

Maria de Lourdes Mozart Martins Moura
Abilio Lourenço Martins

Copyright © 2013

ACADEMIA IPUENSE DE LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES

Organizadores:

Maria de Lourdes Mozart Martins Moura
Abílio Lourenço Martins

Capa:

CS Projetos

Foto da Capa

Abílio Lourenço Martins

Impressão e Acabamento

Expressão Gráfica e Editora

Ficha Catalográfica

*Dados Internacionais
de Catalogação na Publicação*

Revista Acadêmica da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes, edição IV, ano
2013, Fortaleza: Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes, 2013.

160 p.

ISBN: 978-85-420-0267-6

1. Literatura brasileira 2. Poesia

I. Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes II Título

CDD: 869.3

SUMÁRIO

13/Apresentação

Acadêmicos Titulares

17/Abilio Lourenço Martins

25/Aldânia Maria Lima Soares Matos

27/Cláudio César Magalhães Martins

32/Francisca Ayla Oliveira Costa

36/Francisca Ferreira do Nascimento

39/Francisco de Assis Martins

42/Francisco Vladimir Ximenes Mourão

46/João Martins de Souza Torres

54/José Airton Pereira Soares

57/José Júlio Martins Torres

60/Manuel Evander Uchôa Lopes
(Raimundo Ribeiro Lopes)

64/Maria de Jesus Lima

70/Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa

72/Maria de Lourdes Mozart Martins Moura

74/Maria do Carmo Cavalcante Aragão Magalhães (Carmita)

79/Maria Graziella Vale Evangelista

81/Maria Vanda Torquato Scorsafava

83/Natália Maria Viana Soares Lopes

- 86/Olívio Martins de Souza Torres
92/Paulo Ronalth Peres Melo
96/Raimundo Rodrigues Torres (Frei Aquino)
99/Ricardo Martins Aragão
(Antônio Tarcízio Aragão Boris)
111/Sebastião Valdemir Mourão

Acadêmicos Correspondentes

- 116/Adriano Augusto da Costa Filho
122/Antônio Edmilson de Sousa Lopes
127/Francisco Albery Nogueira Nunes
130/Ilda Maria Costa Brasil
134/José Luiz Zanzini (Poeta Zezinho)
136/Maria de Lourdes Aragão Catunda (Dalinha Catunda)
139/Wilson de Oliveira Jasa

Convidados

- 144/Artênio Sousa
146/José Maria Bonfim
150/Maria Itanira Araújo Soares
152/Maria Taumaturgo Farias Dias (Zequinha)
154/Paulo Martins Melo

ACADEMIA IPUENSE DE LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES

Acadêmicos por cadeira

Cadeira nº 1. MANUEL EVANDER UCHÔA LOPES

Patrono: FRANCISCO EDIBERTO UCHÔA LOPES

Cadeira nº 2. SEBASTIÃO VALDEMIR MOURÃO

Patrono: JOSÉ MILTON DE VASCONCELOS DIAS

Cadeira nº 3. FRANCISCO MARTINS DE SOUZA TORRES

Patrono: MONSENHOR GONÇALO DE OLIVEIRA LIMA

Cadeira nº 4. FRANCISCO LUCIANO DE PAIVA

Patrono: DELMIRO AUGUSTO DA CRUZ GOUVEIA

Cadeira nº 5. FRANCISCO LUCIANO MARROCOS ARAGÃO

Patrono: ARCHIMEDES MEMÓRIA

Cadeira nº 6. MARIA DO CARMO CAVALCANTE ARAGÃO MAGALHÃES

Patrono: ANTÔNIO CARVALHO MARTINS

Cadeira nº 7. THOMAZ DE ARAÚJO CORRÊA

Patrono: THOMAZ DE AQUINO CORRÊA

Cadeira nº 8. OLÍVIO MARTINS DE SOUZA TORRES

Patrona: MARIA DA CONCEIÇÃO ASSIS

Cadeira nº 9. FRANCISCA FERREIRA DO NASCIMENTO

Patrono: MOACIR ALVES TIMBÓ

Cadeira nº 10. RAIMUNDO RODRIGUES TORRES (Frei Aquino)

Patrona: ANA MAGALHÃES MARTINS MELO

Cadeira nº 11. CLÁUDIO CÉSAR MAGALHÃES MARTINS

Patrono: FRANCISCO MAGALHÃES MARTINS

Cadeira nº 12. ABÍLIO LOURENÇO MARTINS

Patrono: ABÍLIO MARTINS

Cadeira nº 13. MARIA DAS GRAÇAS AIRES MARTINS

Patrono: GERARDO AIRES DE SOUSA

Cadeira nº 14. NATÁLIA MARIA VIANA SOARES LOPES

Patrona: MARIA DE LOURDES MAGALHÃES XIMENES

Cadeira nº 15. FRANCISCO DE ASSIS MARTINS

Patrono: JOÃO ANASTÁCIO MARTINS

Cadeira nº 16. MARIA DA CONCEIÇÃO VIANA

Patrona: ERNESTINA DA NATIVIDADE MAGALHÃES

Cadeira nº 17. ANA LUCILA AIRES MARTINS

Patrona: MARIA VALDEREZ SOARES DE PAIVA

Cadeira nº 18. JOÃO PEREIRA MOURÃO

Patrono: JOSÉ ITAMAR MOURÃO

Cadeira nº 19. FRANCISCA AYL A OLIVEIRA COSTA

Patrono: GONÇALO PEREIRA DE FARIAS

Cadeira nº 20. MARIA DE LOURDES DIAS LEITE BARBOSA

Patrono: ADERSON MAGALHÃES

Cadeira nº 21. ANTÔNIO VAGNER MARTINS DE PAIVA

Patrono: ABDORAL TIMBÓ

Cadeira nº 22. JOÃO MARTINS DE SOUZA TORRES

Patrono: AMADEU FURTADO

Cadeira nº 23. JOSÉ JÚLIO MARTINS TORRES

Patrono: FRANCISCO DAS CHAGAS TORRES

Cadeira nº 24. MARIA VANDA TORQUATO SCORSARAVA

Patrona: MARIA VALDEMIRA COELHO MELO

Cadeira nº 25. MARIA JOSÉ TAUMATURGO FARIAS ARAGÃO

Patrono: FÉLIX CORRÊA ARAGÃO

Cadeira nº 26. MARIA DE JESUS LIMA

Patrono: JOSÉ OSVALDO ARAÚJO

Cadeira nº 27. HENRIQUE AUGUSTO PEREIRA PONTES

Patrono: JOSÉ CECÍLIO DO VALE

Cadeira nº 28. RICARDO MARTINS ARAGÃO

Patrono: FRANCISCO ARAÚJO

Cadeira nº 29. MARIA GRAZIELLA VALE EVANGELISTA

Patrono: JOSÉ AMAURI ARAGÃO ARAÚJO

Cadeira nº 30. ALDÂNIA MARIA LIMA SOARES MATOS

Patrono: THOMAZ CORRÊA ARAGÃO

Cadeira nº 31. ROGEAN RODRIGUES NUNES

Patrono: ANTÔNIO MARROCOS DE ARAÚJO

Cadeira nº 32. MARCOS EVANGELISTA DE PAIVA

Patrono: MILTON DE SOUSA CARVALHO

Cadeira nº 33. MARIA EUNICE MARTINS MELO ARAGÃO

Patrono: ANTÔNIO MAGALHÃES MARTINS

Cadeira nº 34. JOSÉ SOLON SALES E SILVA

Patrono: CÔNEGO FRANCISCO JOSÉ ARAGÃO E SILVA

Cadeira nº 35. MARIA DE LOURDES MOZART MARTINS MOURA

Patrono: ANTÔNIO AUGUSTO RODRIGUES DE MARROCOS

Cadeira nº 36. PAULO RONALD PERES MELO

Patrono: FRANCISCO DAS CHAGAS PAZ

Cadeira nº 37. MARIA LUÍSA MOURÃO

Patrono: JOSÉ EUZÉBIO NÉRI DE SOUSA

Cadeira nº 38. FRANCISCO VLADIMIR XIMENES MOURÃO

Patrono: OSÉAS MARTINS

Cadeira nº 39. KLAUDIANA VIANA TORRES

Patrono: MANOEL BESSA GUIMARÃES

Cadeira nº 40. JOSE AIRTON PEREIRA SOARES

Patrona: JOANA DE PAULA VIEIRA MIMOSA

ACADÊMICOS HONORÁRIOS

- JOSÉ EVANGELISTA DE OLIVEIRA

- PADRE RAIMUNDO NONATO DE PAIVA TIMBÓ

ACADÊMICOS CORRESPONDENTES

41. FREI AQUINO RODRIGUES TORRES (Acadêmico Titular)

42. FRANCISCO IVANIR DE ARAÚJO CORRÊA – Natal – RN

43. MARIA DE LOURDES ARAGÃO CATUNDA – Rio de Janeiro – RJ

44. INÁCIO AUGUSTO ALMEIDA – Granja – CE

45. GONÇALO FERREIRA DA SILVA – Rio de Janeiro – RJ

46. SOCORRO LIMA DANTAS – Recife – PE

- 47. ADRIANO AUGUSTO DA COSTA FILHO – São Paulo – SP
- 48. ILDA MARIA COSTA BRASIL – Porto Alegre – RS
- 49. MARIA EFIGÊNIA NASTASE COUTINHO – Camboriú – SC
- 50. VALDIR CARLOS DA SILVA FILHO – Brasília – DF
- 51. FRANCISCO DE ASSIS CORDEIRO – Recife – PE
- 52. PEDRO FORTUNA OLIVEIRA LIMA – Rio de Janeiro – RJ
- 53. ANTÔNIO EDMILSON DE SOUSA LOPES – Crateús – CE
- 54. JOSÉ LUÍS ARAÚJO LIRA – Guraciaba do Norte – CE
- 55. TOBIAS MARQUES SAMPAIO – Rio de Janeiro – RJ
- 56. FRANCISCO ALBERY NOGUEIRA NUNES – Tianguá – CE
- 57. ANTONIO CARVALHO MARTINS FILHO – Joinville – SC
- 58. WILSON DE OLIVEIRA JASA – São Paulo – SP
- 59. DIVINO MARIANO – São Paulo – SP
- 60. FRANCISCA ANA PONTES – São Paulo – SP
- 61. JOSÉ LUIZ ZANZINI – São Paulo – SP

ACADEMIA IPUENSE DE LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES

Diretoria

Biênio 2012 / 2013

Presidente

Abílio Lourenço Martins

1º. Vice-Presidente

João Martins de Souza Torres

2º. Vice-Presidente

Francisco de Assis Martins

Secretário-Geral

Manuel Evander Uchôa Lopes

Secretária Geral Adjunta

Natália Maria Viana Soares Lopes

Diretor de Finanças

Cláudio César Magalhães Martins

Diretora de Finanças Adjunta

Maria do Carmo Cavalcante Aragão Magalhães

Diretor de Patrimônio

Ricardo Martins Aragão

Diretora de Publicações e Marketing

Maria de Lourdes Mozart Martins Moura

Diretora Sociocultural

Maria das Graças Aires Martins

Conselho Fiscal:

Olívio Martins de Souza Torres

Francisca Ayla Oliveira Costa

Francisco Paulo Rocha de Oliveira

APRESENTAÇÃO

A edição da REVISTA ACADÊMICA IV – Ano 2013, marca o segundo ano da gestão da Diretoria “União e Trabalho”.

Trata-se de uma coletânea de poesias, literatura de cordel, crônicas, biografias e artigos diversificados e de leitura prazerosa.

Participam desta obra escritores ipuenses, em sua maioria, além da colaboração de outros amigos da querida cidade de Ipu, alguns residentes em lugares distantes, o suficiente para valorizar sobremaneira os propósitos desta publicação.

A soma dos nossos pensamentos, de forma escrita, possibilitou a feitura desta coletânea. Gosto de coletâneas, elas possibilitam que artigos guardados no fundo das gavetas venham a público de uma forma mais descomplicada. Gerações futuras serão agraciadas. As palavras ficarão registradas nas mentes e nos corações.

A todos os escritores somos imensamente gratos.

Reportando-me às edições anteriores da Revista Acadêmica, enalteço as escolhas das suas capas quando foram registradas a “Casa de Cultura Maria Valdez Soares”, antiga Cadeia Pública, a “Casa Osvaldo Araújo”, sede da nossa Academia e, por último, a Igreja Nossa Senhora do Desterro, a nossa centenária e querida Igrejinha.

Nesta ocasião chegou a vez da nossa decantada cachoeira embelezar a capa desta edição. A Bica é o maior ícone

da nossa terra, tendo como fundo a grandeza e as nuances do verde da Ibiapaba. Ipu/bica, bica/Ipu, simbiose perfeita da natureza, obra prima do Criador. Nunca é demais enaltecer o nosso principal cartão postal, foi e continua sendo fonte de inspiração para muitos poetas e para o grande escritor José de Alencar no romance Iracema.

Registramos a nossa satisfação em entregar aos leitores mais um livro da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes, cujo lançamento está programado para janeiro de 2014, na cidade de Ipu, Ceará.

Por fim, comungamos com o pensamento de Adonias Filho:

“No complexo e estranho reino das invenções e comunicações, nada supera o livro.”

Fortaleza (Ce), setembro/2013

Maria de Lourdes Mozart Martins Moura

Diretora de Publicações e Marketing

ACADÊMICOS TITULARES

ABILIO LOURENÇO MARTINS

Cadeira nº 12

**A RETOMADA DA ESTAÇÃO
FERROVIÁRIA DO IPU**

Novembro de 2002

(Para a História)

Era uma agradável noite do dia quatorze de novembro do ano de dois mil e dois.

Visando divulgar, em Fortaleza, o nome da futura Associação dos Filhos e Amigos do Ipu (AFAI), ocorreu no salão nobre da extinta Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), localizada na Avenida Beira Mar, uma reunião de ipuenses radicados em Fortaleza.

A ata:

“Na noite do dia quatorze de novembro de dois mil e dois, os ipuenses residentes nesta capital comprometidos com a criação da futura Associação dos Filhos e Amigos do Ipu (AFAI) reuniram-se no salão nobre da Associação Atlética Banco do Brasil – AABB, localizada na Avenida Beira Mar, para tratar da reunião prevista para o dia vinte e nove do mês em curso, ocasião em que será apresentada aos presentes a diretoria provisória da AFAI bem como a sua finalidade e objetivos.

Compareceram: Lenira Aragão Dias Firmino, Manoel Firmino Neto, Adelaide Lourenço Martins, Anastácio Pedro de Melo Lima, Maria Assunção Carlos, Maria Itanira Araújo Soares, Jurandir Araújo Soares, Célia Maria Taumaturgo Dias Soares, Ítalo Araújo Soares de Souza, Juliana Araújo Soares de Souza e Abílio Lourenço Martins.

Após vários pronunciamentos acerca da elaboração da futura reunião ficou delegado ao Anastácio Pedro o cargo de cerimonialista; Telma Lima, Adelaide Lourenço Martins e Abilio Lourenço Martins responsáveis pela pauta da reunião, preparação do recinto, som e restaurante.

A Assessora municipal do Ipu, a Senhora Assunção Carlos, usando da palavra e tratando das coisas que envolvem a administração do nosso município, comunicou que a Estação Ferroviária do Ipu havia sido vendida. Questionada sobre a veracidade do fato acrescentou ser um assunto consumado, pois um empresário de Crateús adquiriu a referida Estação em leilão com a pretensão de instalar, naquele local, uma concessionária da Honda.

Inconformados, Anastácio Pedro, Adelaide Martins e Abílio Martins decidiram ir ao Ipu no dia seguinte e em companhia com os demais membros da futura diretoria tomar as decisões cabíveis no sentido de reverter o ato deveras “escabroso” tendo em vista ser a Estação Ferroviária um patrimônio histórico da cidade e um dos seus principais ícones.

Nada mais havendo de importante para ser registrado foi então encerrada a reunião presidida e relatada por mim, Abilio Lourenço Martins.

Fortaleza, 14 de novembro de 2002”

Dois dias após, como prometido, estávamos no Ipu. Iniciou-se, então, ao lado de voluntariosos ipuenses um crescente e contagiante movimento através das rádios e carros volantes disseminando entre a população o ato insensato da venda daquele valioso e estimado prédio.

No final de sete dias foi concluído um abaixo-assinado com mais de 2.500 assinaturas, que foi oficialmente entregue ao poder executivo da cidade e uma outra cópia ao poder legislativo.

O abaixo-assinado:

“Os filhos e amigos do Ipu, abaixo assinados, surpresos com a venda da Estação Ferroviária, desta cidade, solicitam à Prefeita Municipal Antonia Bezerra Lima Carlos providências urgentes junto às autoridades constituídas, bem como aos parlamentares ligados a vida política desta cidade, no sentido de embargar o ato de compra e venda do referido imóvel, por tratar-se de um prédio secular ligado à vida e ao patrimônio histórico da cidade.

Ademais, o artigo 15 das Disposições Transitórias da Lei Orgânica do Município, datada de 05 de abril de 1990, dispõe: “São considerados patrimônio histórico do município, para efeito de tombamento, os seguintes prédios: Estação Ferroviária, Igreja de Nossa Senhora do Carmo, inclusive o Cruzeiro, a Igreja Matriz de São Sebastião, Casa de Pedra, edifícios da Prefeitura e da Cadeia Pública, o Chafariz do Cafute, bem como a Bica do Ipu que será intocável”.

Observação:

Ocorreu um lapso na elaboração do artigo 15 das Disposições Transitórias: Onde consta Igreja Nossa Senhora

do Carmo (Igreja do Cemitério) o legislador referia-se à Igreja Nossa Senhora do Desterro (Igrejinha).

Para a felicidade do povo ipuense em geral, a prefeita Antonia Carlos assinou na manhã do dia 29 de Novembro de 2002 o Decreto número 15, no qual desapropria a velha e querida estação para fins de utilidade pública.

O Decreto:

“A PREFEITA MUNICIPAL DE IPU-CE, Senhora Antônia Bezerra Lima Carlos, no uso das suas atribuições que lhe são conferidas por Lei:

DECRETA:

Art. 1º - Fica decretado de utilidade pública, para fins de desapropriação, administrativa ou judicial, pelo Município de Ipu, nos termos do Art. 2º, VIII da Lei nº 4.132/62, os seguintes imóveis:

a) Um imóvel designado Armazém Ferroviário de Ipu, localizado na Praça Major Quixadá, S/N – Centro – Ipu-CE. ...

b) Um imóvel designado Estação Ferroviária de Ipu, localizado na Praça Major Quixadá, S/N – Centro – Ipu-CE...,

Art. 2º - O imóvel a que se refere o artigo anterior será desapropriado, em regime de urgência, e tem como finalidade garantir o patrimônio histórico do Município de ipu-CE., nos termos do Art. 15 do Ato das Disposições Transitórias da Lei Orgânica do Município.

Art. 3º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Centro Administrativo da Prefeitura Municipal de Ipu, aos 27 dias do mês de Novembro de 2002.

Antônia Bezerra Lima Carlos

Prefeita Municipal em Exercício.”

Foi este, sem dúvida, o primeiro tento e a primeira grande vitória da auspiciosa Associação dos Filhos e Amigos do Ipu (AFAI) comemorado mesmo antes do seu nascedouro.

Abílio, Dezembro de 2012.

DISCURSO DE INAUGURAÇÃO DA ACADEMIA IPUENSE DE LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES

(Ipu, 14 de Janeiro de 2006)

(Para a História)

Ilustríssima Senhora Prefeita Municipal Maria do Socorro Pereira Torres, Ilustríssimo Senhor Deputado Estadual Henrique Sávio Pereira Pontes, Ilustríssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal deste município Raimundo Nonato Martins Rodrigues, Ilustríssimo Senhor Francisco de Assis Freitas, presidente da Academia de Letras Municipais do Estado do Ceará (ALMECE), senhoras e senhores futuros acadêmicos da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes e senhoras e senhores convidados.

Resgata-se, nesta data, a tradição cultural do Ipu, tão bem vivida na primeira metade do século passado quando Eusébio de Sousa, Thomaz Corrêa, Manoel Dias Martins, Chagas Pinto, João Bessa, Abílio Martins, dentre outros, todos admiradores e amigos das letras e das artes, abrilhantavam a vida literária e cultural desta cidade participando de grêmios associativos, destacando-se: a Sociedade Dramática Ipuense, o Recreio Dramático e, principalmente, o Gabinete Ipuense de Leitura.

Imperioso se faz este registro inicial, por tratar-se de uma memória coletiva em que devemos refletir para extrair o exemplo e o alento para melhor nos orientarmos para o futuro. Pois, como bem disse o ilustre acadêmico José Augusto Bezerra, da Associação Brasileira de Bibliófilos, *“Só a cultura*

organizada pode gerar o crescimento continuado de uma sociedade, e uma Academia é passo decisivo nessa caminhada.”

A Associação dos Filhos e Amigos do Ipu (AFAI) se sente extremamente feliz e realizada em proporcionar esse serviço, quiçá relevante, em prol do desenvolvimento intelectual do nosso município. Fizemos isso em razão da plena consciência de que a identidade mais permanente de um povo tem e terá sua raiz mais profunda, sempre, na cultura e na arte.

A concretização da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes teve como etapas o sonho, a ideia e o trabalho. Este, sem dúvida, senhoras e senhores, o caminho mais lógico e mais célere para se transformar um sonho em realidade. Sobretudo, quando esse trabalho está alicerçado em três pilstras sólidas: A ÉTICA, O RESPEITO E A DIGNIDADE.

Três palavras fortes, mágicas, que infelizmente estão em desuso, principalmente pelas autoridades constituídas deste país, mas que devemos cada um de nós ter a obrigação e o comprometimento moral de resgatá-las e inseri-las no nosso dia-a-dia, em nossas atitudes. Razão pela qual foram precisamente essas três palavras as escolhidas para o dístico da ACADEMIA IPUENSE DE LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES - “ETHICE, REVERENTIA, DIGNITAS” – Ética, Respeito e Dignidade.

Por fim, gostaria de, em nome da Associação dos Filhos e Amigos do Ipu (AFAI), agradecer a todos os senhores aqui presentes, principalmente aos futuros acadêmicos por terem

atendido ao nosso convite para participarem como fundadores dessa promissora Academia.

E ao futuro presidente, o Senhor Manuel Evander Uchôa Lopes, e aos demais membros dessa primeira diretoria, os nossos sinceros votos de uma gestão motivada, direcionada aos interesses coletivos do município, resgatando a sua história e, principalmente, preparando e despertando o interesse dos jovens desta cidade para a leitura, para as artes, enfim, para a cultura.

Muito Obrigado.

Abílio Lourenço Martins (*)

Presidente da Associação dos Filhos e Amigos do Ipu (AFAI)

.....

O autor é o atual presidente da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes, (2012 e 2013) ocupante da cadeira número 12; Formado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Ceará - UFC e em Direito pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR; Fundador da Associação dos Filhos e Amigos do Ipu – AFAI; Criador do site “Ipu-Ce” idealizador e criador da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes.

ALDÂNIA MARIA LIMA SOARES MATOS

Acadêmica - Cadeira nº 30

UM PARAÍSO CHAMADO AMOR



Adoro te ver assim, me observando com um breve sorriso terno enquanto adormeço ou escrevo versos pra nós, filosofando a expressão de meus sentimentos que floresce e contagia nosso amor.

Gosto quando me abraça enquanto contemplo a paisagem deste lugar tão mágico, tão belo, tão nosso... E num doce e intenso beijo desnuda-me a alma... E com a doçura que lhe é peculiar, toma-me em carícias com tuas mãos fortes. E com teus gestos firmes ama-me como se eu fosse única e infinitamente sua. Nesse instante o mundo somos nós, você e eu entre o oásis que ilustra nosso cenário e na doce troca de olhares você me afaga os cabelos e me faz mulher.

Amo acordar num beijo, enquanto murmuras baixinho: - “gosto de te, te amo, você é tudo pra mim”.

E, nesta felicidade de cada dia que nasce eu me encontro em ti...

Ipu, 13 de Janeiro 2010

AMIGO DE SEMPRE

Poucas vezes em nossa vida, nos deparamos com um amigo verdadeiro, especial. Uma pessoa que faz diferença pura e simplesmente por estar em nossa vida e fazer parte dela. Alguém que mesmo nos momentos tórridos te faz rir, te faz bem só pela presença. Alguém que desenvolve uma crença e te faz acreditar que a vida é plena e merecedora de ser cuidada, amada e experimentada com harmonia e simplicidade. Este amigo consegue te convencer que a vida sempre tem uma porta aberta, livre te aguardando. E isso significa uma amizade eterna. O amigo de sempre te guia nas horas escuras, difíceis e confusas. Este amigo de sempre te contempla com seu olhar doce, firme e encorajador. Se um dia você perder o rumo do caminho do bem, do sucesso, pode ter certeza que o amigo de sempre te traz de volta ao curso da caminhada sadia. O amigo de sempre nunca desiste de ti e sabe por quê? Ele é simplesmente a pessoa que mais te ama. Este amigo de sempre é a sua mãe.

Fortaleza, Agosto de 2013

CLÁUDIO CÉSAR MAGALHÃES MARTINS

Acadêmico Fundador - Cadeira nº 11

RAIMUNDO MAGALHÃES JÚNIOR, UM OPERÁRIO DA INTELIGÊNCIA

Acredito que poucos saibam quem foi Raimundo Magalhães Júnior, um cearense brilhante e que nasceu em um município muito próximo à cidade de Ipu.

Explico-me: o personagem objeto deste artigo veio ao mundo na cidade de Ubajara, em 12 de fevereiro de 1907. Seu pai, o jornalista Raimundo Magalhães, foi autor do VOCABULÁRIO POPULAR, obra publicada em 1911. Aos 17 anos, transferiu-se para a cidade de Campos (RJ), onde fez os estudos de Humanidades e se iniciou no jornalismo. Em 1930, mudou-se para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e, já no ano de 1934, lançou o seu primeiro livro de contos sob o sugestivo título “Impróprio para Menores.”

Espírito irrequieto, foi um dos fundadores do Diário de Notícias, secretário da revista “A Noite Ilustrada” e diretor das revistas “Carioca”, “Vamos Ler” e “Revista da Semana.” Em 1930, como redator de “A Noite”, foi enviado ao Paraguai para cobrir a Guerra do Chaco, que aquele país travava contra a Bolívia..

Em 1933, casou-se com Lúcia Benedetti, escritora e autora de peças para o público infantil. Em 1938, escreve a peça *Mentirosa*, a qual foi premiada pela Academia Brasileira de

Letras. Entre 1939 e 1942, seis peças de sua autoria entram em cartaz no Rio de Janeiro e em São Paulo. São elas: *O Testa de Ferro*, *Carlota Joaquina*, *Um Judeu*, *a Família Lero-Lero*, *Casamento no Uruguai* e *Trio em Lá Menor*.

Fugindo à perseguição política da ditadura de Getúlio Vargas, seguiu para os Estados Unidos em 1942, onde permaneceu até 1945, passando a trabalhar no escritório de Nelson Rockefeller, que, à época, era Coordenador de Assuntos Interamericanos. Neste período, foi colaborador do *The New York Times*, *Pan-American Magazine*, *American Mercury* e *Theatre Arts*. Ao retornar ao Brasil, participou da redação da revista *Brazilian-American*, que então era publicada em inglês no Brasil.

Como tradutor do escritor americano Tennessee Williams, verteu para o português as peças *Anjo de Pedra*, *A Rosa Tatuada e Gato em Teto de Zinco Quente*. Poliglota que era, traduziu para a nossa língua inúmeras obras teatrais do inglês, francês, italiano e espanhol, obras essas que eram representadas no Teatro Maria Della Costa e Teatro Brasileiro de Comédia. Embora suas traduções fossem elogiadas pela crítica por sua fidelidade aos textos originais, o mesmo não ocorreu com as adaptações que realizou.

Na década de 1950, adaptou para o cinema, sob o título *João Gangorra*, a peça *Essa Mulher é Minha*, que vinha sendo protagonizada no teatro por Procópio Ferreira. Na mesma década, escreveu *O Imperador Galante*, biografia dramática de D. Pedro I, encenada no teatro pela Companhia Dulcina-Odilon.

Neste período, logrou eleger-se vereador do Distrito Federal pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), exercendo dois

mandatos: 1951-55 e 1955-59. Em 1953, publicou a biografia de Arthur Azevedo, primeira de uma série de biografias, entre as quais se destacam *Martins Pena e Sua Época* e *As Mil e Uma Vidas de Leopoldo Fróes*. Publicou também contos, antologias poéticas, dicionários de citações, provérbios e frases feitas.

Em 9 de agosto de 1956, foi eleito para a cadeira nº 34 da Academia Brasileira de Letras, anteriormente ocupada por João Manuel Pereira da Silva, pelo Barão do Rio Branco, pelo Gal. Lauro Müller e por D. Francisco de Aquino Correia. Foi o 5º cearense a chegar à Academia. Antes dele, lá estiveram Araripe Júnior, Clóvis Bevilácqua, Heráclito Graça e Gustavo Barroso. Como acadêmico, exerceu por muitos anos a função de redator-chefe da revista *Manchete*. Teve atuação destacada como autor de radionovelas, que eram apresentadas na Rádio Nacional. Criou o programa *Acredite se Quiser*, o qual apresentava, entre outras histórias, casos de aparições de fantasmas. Participou, nos anos 50, do processo de implantação da televisão no Brasil, sendo um dos diretores da TV Tupi. Indagado sobre como arranjava tempo para suas múltiplas atividades, respondeu: “O dia dura 36 horas, quando sabemos esticá-lo por ambas as extremidades. Uma consiste em dormir tarde. Outra consiste em acordar cedo.”

No ano de 1964, lançou sua obra mais polêmica: *Rui: o Homem e o Mito*, onde procura desconstruir o mito criado em torno de Rui Barbosa, apontando contradições e impropriedades em suas ações políticas e em suas obras. O livro provocou a ira dos admiradores de Rui, como se vê no texto abaixo, de Américo Jacobina Lacombe, então diretor da Casa de Rui Barbosa:

“Das páginas daquele cartapácio, quem sai realmente arrasado não é Rui Barbosa; é o título de biógrafo pretendido pelo organizador. Se ele tivesse ao menos realizado uma compilação de velhos inimigos de Rui Barbosa: Laet, Moniz Sodré, Barcelos, Seabra, Bagdócimo, fazendo uma antologia contra o biografado, teria reeditado muita calúnia destruída, mas teria fornecido ao público algumas páginas de boa literatura. Querendo dizer coisa nova, não conseguiu ultrapassar o mau panfleto. Do ponto em que colocou o estudo não é possível partir para fazer a *revisão* de qualquer figura histórica a que fazem referência os noticiaristas apressados”.

Sobre a personalidade de Raimundo Magalhães Jr., assim se expressou Murillo Melo Filho, seu colega na ABL e na revista Manchete:

“Tinha um apetite de escritor e pesquisador, simplesmente insaciável, que não conhecia limites. Aí também pudemos admirá-lo como um brasileiro honesto e honrado em suas posições políticas e convicções ideológicas, um fanático na disciplina e na pontualidade de entregar, nos prazos certos, os seus projetos literários, de livros, peças teatrais e traduções, um exemplo de correção e de lisura em suas atitudes de intelectual digno e capaz, um companheiro leal e correto, generoso e atencioso, e que por algum tempo esteve entre aqueles poucos boêmios com os quais qualquer colega gostaria de fazer uma grande farra” .

O mesmo colega o descreve, sob o ponto de vista físico, como sendo baixo e atarracado, com apenas 1,60 m de estatura,

“algo vesgo e estrábico, características que não o aproximavam muito de um elegante Apolo. Mas era, ao mesmo tempo, um homem encantador, de prosa culta e erudita, ajudado por uma memória prodigiosa.”

Em certa ocasião, Adolpho Bloch, proprietário da Manchete, mandou desligar a refrigeração do seu ambiente de trabalho. Em sinal de protesto, Magalhães tirou a camisa, revelando o seu busto assaz feio e ameaçando tirar o resto da roupa, o que fez Adolpho Bloch retroagir de sua determinação.

Sua morte foi trágica e inesperada. Em 12 de dezembro de 1981, ao descer de um ônibus no sinal da Rua Silveira Martins com a Praia do Flamengo, no Rio, e tentar cruzar o asfalto para chegar ao seu local de trabalho, na redação da Manchete, foi atropelado por um carro em alta velocidade, vindo a falecer. Tinha, então, 74 anos de idade.

Eis um breve perfil do ubajareense Raimundo Magalhães Júnior, personagem que honrou a cidade onde nasceu e o próprio Estado do Ceará. Ubajara prestou-lhe justa homenagem, ao inaugurar, em 23 de dezembro de 2008, uma Casa de Cultura que leva o seu nome, a qual abrigará o Memorial de seu filho ilustre.

Por sua inteligência, produtividade e amor ao trabalho, Murillo Melo Filho o cognominou de “um operário da inteligência”, título que dá nome ao presente artigo.

Nota do autor: As informações contidas neste trabalho foram obtidas através do GOOGLE, mediante consulta aos títulos “RAIMUNDO MAGALHÃES JR” e “RUI, O HOMEM E O MITO.”

FRANCISCA AYLÁ OLIVEIRA COSTA

Acadêmica Fundadora - Cadeira nº 19

EIS-ME AQUI. ENVIA-ME, SENHOR!

Envia-me, Senhor, ao teu caminho

Envia-me, Senhor, a tua luz

Transforma-me, Senhor, conduz meu ninho

Preciso te seguir, ó meu Jesus.

Dissolve tudo em mim que não for teu

Desvia-me das trevas, do pecado

Faz de tua morada o peito meu

Tenho sede de Ti, Jesus amado.

Envia-me, Senhor, teu coração,

Para pulsar no meu, tua bondade,

Vivifica em mim tua paixão,

Quero seguir a tua santidade.

Eis-me aqui. Envia-me, Senhor,

Ao mundo santo da fraternidade

À eterna juventude do amor

À plenitude da felicidade.

Vieste pra salvar a humanidade
E ensinar aos homens o amor.
Pelas trilhas do bem, da humildade,
Envia teu Espírito, Senhor!

Eis-me aqui, ó Senhor, sou o teu povo
Quero a sociedade transformar
Ajudar construir um mundo novo
E o teu divino amor disseminar.

AO PAPA FRANCISCO, NOSSA GRATIDÃO

Chegou Francisco, repleto de luz,
Semeando a fé em nosso Brasil
Implantando o amor, a paz de Jesus
Espalhando vida e dádivas mil.

Jornada Mundial da Juventude
Papa Francisco tão bem conduziu
Com simplicidade e solícitude,
Concórdia pelo mundo espargiu.

O jesuíta de alma franciscana
Milhões de jovens fiéis encantou
Mostrou-se santo, de fé mariana,
Paternalmente, o mundo cativou.

Francisco, a nós todos clama o amor,
A unidade, a fraternidade,
Profundamente nos edificou
Pedindo sempre a benignidade.

Não trouxe ouro e nem prata, porém
Falou humildemente o bom Pastor:
Trouxe Jesus Cristo, o sumo bem,
O nosso Rei, o nosso Redentor.

Rio de Janeiro tornou-se mais lindo
Porque a jornada do bem sediou
Que fique então, nesta gente, o infindo
Amor que o Papa tão bem externou.

Papa Francisco, nossa gratidão
Por toda paz que em nós semeou
Por esta Nova Evangelização,
O amor sublime que ao mundo pregou.

FRANCISCA FERREIRA DO NASCIMENTO

Acadêmica - Cadeira nº 9

CASINHAS

Aí estão fincadas
no chão.
Casinha,
grande, pequena,
torta, reta.
Aí estão fincadas,
enfileiradas,
lado a lado
nas margens das estradas.
Casinha,
tão bela, tão livre,
tão calma,
de taipa, de palha, de sapé,
colorida, ou não
Aí estão fincadas no chão.
Na porta estão,
Seus donos,
Tão simples, tão felizes,
Sorrindo, só sorrindo,
E, ao sorrir, chega a esperança.
Casinha.....casinhas.....casinha.
Aí estão fincadas no chão,
lado a lado,
Soltas ou não.

QUANDO VOCÊ LEMBRAR DE MIM...

Quando você lembrar de mim.
olhe para as coisas mais simples,
para o céu... veja o sol
observe como ele é expansivo,
mas não agrada a todos, têm pessoas que reclamam do calor.

Veja só o vento, ele viaja por todos os lugares,
é dinâmico, às vezes furioso,
à noite olhe para o firmamento e veja quantas maravilhas
existem por lá.

A lua é bela e vive sozinha, nem por isso deixa de brilhar,
seu brilho é triste, mas nem por isso deixa de iluminar a Terra.

Observe uma folha seca e velha, indague-a,
Saberá o quanto ela já viveu e quantas aventuras tem para contar,
um dia porém, já foi bela e graciosa, hoje velha e esquecida.

Os seres humanos têm mania de desprezo e vaidade.
Agora pare! Escute o cantar de um pássaro, veja que
linguagem inteligente.

A compreensão, o carinho, a fraternidade que eles
compartilham...

Agora olhe ao nosso redor, mas não precisa lembrar de mim.

A autora nasceu na “terra de Iracema” – Ipu. É membro da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes, professora do Ensino Fundamental I e II. Licenciatura Plena em Letras e Pós- Graduação em Psicopedagogia. Escritora de Literatura Infantil e teatróloga.

FRANCISCO DE ASSIS MARTINS

Acadêmico Fundador - Cadeira nº 15

COLUNA PRESTES

Com a COLUNA PRESTES se aproximando do Ceará, Floro Bartolomeu, deputado federal do Estado, recruta uma força de defesa, os Batalhões Patrióticos, e vai com ela para Campos Sales (CE). Prepara uma carta convocando Lampião e a manda para o Padre Cícero endossar. Um mensageiro vai atrás de Lampião.

Lampião recebe a carta e segue para Juazeiro. Acampa com 49 homens perto da cidade e mais de 4000 curiosos vão vê-lo. Em seguida, se encontra com o Padre Cícero e recebe uma patente de capitão dos Batalhões Patrióticos, assinada, acredite, por um funcionário do Ministério da Agricultura. Mais tarde esse homem diria que, naquelas circunstâncias, assinaria até exoneração do presidente. Todos os cangaceiros recebem uniformes e fuzis automáticos. No dia 8, Floro morre.

Oficialmente, ele recebe a missão de combater a Coluna Prestes - um grupo de comunistas liderados por Luís Carlos Prestes -, grupo que vinha percorrendo o País durante o governo do presidente Artur Bernardes. No entanto, após se distanciar uns 6 quilômetros de Juazeiro, Lampião decide se embrenhar na caatinga, em busca de combates mais lucrativos, deixando para trás o prometido a Padre Cícero e as responsabilidades para com o Estado.

A COLUNA PRESTES EM IPU

Madrugada do dia 13 de janeiro de 1926, a cidade de Ipu “dormia” o seu sono tranquilo. Às 5 horas da manhã, 100 homens montados e armados, vindo do Piauí, entravam na cidade de Ipu, descendo a ladeira da Mina. A Terra de Iracema acordava ao som de uma corneta, tocada por uma daquelas cem almas com “caras de poucos amigos”. À frente dele, uma multidão de “revoltosos” emparelhados como que marchando em sintonia. Muitos traziam rifles apoiados em seus ombros, parecendo estar “descansando” os braços do peso das armas. Os homens com rifles carregam também bandeiras encarnadas e em seus pescoços, lenços da mesma cor, que, às vezes usavam para esconder os rostos.

Vinham do Piauí e seu destino inicial era a cidade de Ipu. Nesta cidade, buscavam especificamente obter mapas geográficos detalhados dos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba. No Piauí, souberam da notícia de que eles existiam e se encontravam no acervo do Gabinete de Leitura Ipuense, uma espécie de biblioteca com imenso patrimônio em livros, revistas, jornais e mapas.

No dia 12 de janeiro de 1926, no Sítio São Roque (CE), município de Croatá-CE (antes chamava-se Campo Grande e depois Guaraciaba do Norte, na Serra da Ibiapaba) surgiu um bando de revoltosos (cangaceiros fardados), à pé e a cavalos, armados de rifles. Eram barbudos, cabeludos, carentes de banhos e de roupa limpa, arrogantes, nervosos, violentos, pedindo, tomando e roubando, quebrando o sossego de todos e dispostos a tudo.

Após pesquisas e tomadas de depoimentos com pessoas mais velhas residentes no distrito de São Roque-CE, conclui-se que o assunto sobre os revoltosos trata-se com veracidade sobre a passagem na região da Coluna Prestes Ao se deslocarem de São Roque, pela Estrada da Cachoeira, o bando seguiu em direção ao Ipu, mas na localidade conhecida como Boqueirão, a Polícia Militar estava de campana. Os revoltosos retornaram pelos caminhos do povoado de América e no dia 13 janeiro de 1926 passaram então pela cidade de Ipu. E de lá, seguiram por Ipueiras, Nova Russas e o distrito de Sucesso. Em seguida, a cidade de Crateús foi invadida onde houve intenso tiroteio com a polícia. Somente deixaram o Nordeste em 20 de agosto de 1926, tendo fim em fevereiro de 1927 na Bolívia. (Várias Fontes) PARABÉNS para quem teve coragem de ler tudo... Como vocês podem ver, existem muitos fatos que não estão nos livros de historia...

— com Francisco de Assis Martins, em São Benedito-Ceará.

O autor é escritor, Músico, Poeta e Memorialista. Membro Efetivo da Academia de Letras Municipais do Estado do Ceará – ALMECE; da Academia de Letras e Artes do Ceará – ALACE; da Academia Maçônica de Letras do Estado do Ceará e da Academia Ipuense de Letras Ciências e Artes. Escreveu e publicou 14 livros: “O Ipu em Noite de Serenata” “Histórico sobre Ipu (monografia)”; “Meu Pé de Serra, o Ipu”; *No Orvalho das Manhãs; “Memórias da Praça - JARDIM DE IRACEMA”. Autor do Ensaio Literário-Casarões e Prédios Históricos de Ipu; autor do Ensaio Literário, Memorial do Jardim 26 de agosto; autor do Ensaio Literário - Retrato da Praça Igreja; autor do Ensaio Literário - Histórias do meu Pai; autor do ensaio Literário - Obra e Vida da Professora Valdemira Coelho; autor do Histórico de Praças e Ruas de Ipu; Autor de Mini Biografias de Ipuenses. Foi diretor de cultura do município no de 2001 a 2004.*

FRANCISCO VLADIMIR XIMENES MOURÃO

Acadêmico - Cadeira nº 38

O ONTEM E O HOJE

Como está tão diferente
A vida de nossa gente
De pouco tempo atrás
A transformação foi radical
Mas a desigualdade social
Está tirando a nossa paz

Lembro-me quando criança
Não me fuge da lembrança
A vida feliz que se vivia
Quando se andava livremente
Em qualquer lugar tranquilamente
Fôsse de noite ou de dia

Hoje impera a violência
Fruto da ineficiência
Da lei de nossa nação, muito fraca e sem ação
Protege mais o bandido
Que sabendo não ser punido
Aterroriza o cidadão

E a culpa de tudo isto e está em nossos governantes

Corruptos e inoperantes
Só visam seu bem-estar
E a maioria da população
Vivendo em mísera condição
Não temos para quem apelar

Justiça aqui não temos
E até mesmo tememos
Um dia dela precisar
Porque na burocracia emperra
É comum em nossa terra
Seja em qualquer lugar

A nossa advocacia
Na sua grande maioria
Só protege o marginal
Que do roubo tem dinheiro
Sendo seu amigo e parceiro
E de conduta excepcional

Os nossos parlamentares, seus salários logo dobraram

E o mínimo quase nada aumentaram
Alegando quebrar a Nação
Que desculpa esfarrapada

Deram-nos esta cambada
Em detrimento do povão

A saúde e a educação
Sustentáculos de qualquer Nação
Estão muito a desejar
E verbas para elas destinadas
São na maioria desviadas
Sabe-se lá onde vão parar

E escolas e postos de saúde
Temos muitos e amiúde
Nos municípios espalhados
Porém os prédios sucateados
E os seus funcionários, vivendo de míseros salários
E quase sempre atrasados

Nossos direitos humanos
Foram feitos por insanos
Só protegem o infrator
Menores não trabalham mais
Nem mesmo para ajudarem os pais
Vivemos num mundo de horror

Nosso esperto presidente
Deu à pobreza um presente

Que fome zero o batizou
Ação talvez excelente
Mas tornou o homem indolente
Que do sertão emigrou

Indo morar nas cidades
Aumentando as favelas em todos os arraiais
Sujeito a todas as mazelas comuns nestas comunidades
Porém agricultura não quer mais
Suas famílias se destruíram, as filhas se prostituíram
E a maioria dos filhos homens, tornaram-se marginais

O sertão está muito deserto
De mato quase todo coberto
Pois lá não se planta mais
As fazendas que existiram
Poucas são as que resistiram
E com raríssimos animais

Esta é a vida de agora
Diferente da de outrora
Quando havia respeito
Droga não se conhecia
Atualmente em toda parte se irradia
O mundo não tem mais jeito

JOÃO MARTINS DE SOUZA TORRES

Acadêmico Fundador - Cadeira nº 22

ESQUERDA QUE NÃO SE ENDIREITA VERSUS DIREITA SINISTRA

ELEITOR *versus* ELEITO

Em 2005, quando do meu ingresso como membro titular da Academia Cearense de Medicina, fiz no convencional discurso de posse um pronunciamento referente à situação, progressivamente deteriorante da política brasileira, centrado, especialmente, no aspecto ético.

À época, confessei-me bastante apreensivo, dizendo textualmente “ser o Brasil uma vítima fragilizada em consequência de uma pérfida combinação política constituída por uma ESQUERDA que não se endireita versus uma DIREITA sinistra”.

No decorrer destes oito anos venho constantemente me perguntando: Teria eu sido ingênuo nesta assertiva ou o Rei Tempo (*Chronos*) da Mitologia grega me dera razão? A segunda hipótese, infelizmente, me parece a verdadeira.

Faz-se necessário um breve retrospecto histórico para melhor compreensão, especialmente dos mais jovens.

Ingressei na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará no início de março de 1964. Havia, até então e por muito anos, apenas uma escola médica no Ceará. Hoje são sete. Também em março do mesmo ano, no dia 31, deu-se

a Revolução Militar, assim cognominada por seus promotores e simpatizantes, enquanto os opositores a chamavam de Ditadura Militar.

Abolidos todos os partidos políticos, foram criados pelo sistema apenas dois: ARENA e MDB. O primeiro - ALIANÇA RENOVADORA NACIONAL - apoiava, irrestritamente, o governo militar. Era a DIREITA civil e servil. O segundo partido era o MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO, de oposição, a chamada ESQUERDA. Seus componentes foram os políticos que não aceitaram e combateram, como podiam, o regime militar. Contavam com o apoio da maioria dos intelectuais, dos artistas e da Igreja.

O regime militar durou vinte anos. Pela ordem foram seus presidentes: Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, Gal Artur da Costa e Silva, Gal Emílio Garrastazu Médici, Gal Ernesto Beckmann Geisel e, por último, Gal João Baptista de Oliveira Figueiredo.

Há de se reconhecer que coisas boas também foram feitas, destacando-se a unificação dos Institutos de Pensão e Aposentadoria na área da Previdência e da Saúde, o INPS (Instituto Nacional da Previdência Social) que evoluiu para o atual SUS e INSS.

Em 1964, foi criado também o Banco Central do Brasil, entidade que desempenha o papel de autoridade monetária no país.

Outro feito de grande alcance social foi a justíssima aposentadoria rural do homem e também da mulher do campo até

então abandonados. Trouxe significativa segurança e dignidade ao trabalhador rural envelhecido. É, de longe, o principal responsável pela sustentabilidade econômica das regiões mais pobres do país a chamada aposentadoria dos idosos.

A economia do Brasil mostrou evidências de significativo crescimento, dando espaço para ser denominada de “milagre econômico”.

No campo político, a ditadura, toda poderosa, fez o que quis. Cassou corruptos e, lastimavelmente, importantes líderes políticos que lhes pudessem oferecer obstáculos. Exemplo maior foi o caso do carismático Presidente Juscelino Kubitschek que, além de cassado e exilado, quando de seu retorno ao Brasil teve morte, ainda hoje, enigmática.

O maior dos benefícios do regime militar, embora totalmente desnecessário, foi convencer que ditadura é coisa deplorável. Não importa se de direita ou de esquerda, ela é visceralmente danosa à democracia. À sociedade, lhe é execrado o imprescindível exercício da cidadania. Todo sistema que tolhe a liberdade, especialmente com o uso da força bruta, da violência e/ou da tortura, deve ser banido sempre e para sempre. Vale o antigo dizer: A ditadura é sempre má nem que o ditador seja, eventualmente, bom.

Após incessantes e ferrenhas lutas da obstinada oposição com crescente importante apoio da população, tendo a decisiva participação da Igreja, dos artistas e intelectuais, em sua nítida maioria, deu-se a custo alto, inclusive de muitas vidas, a redemocratização, pondo fim a um logo período de governo militar (vinte anos).

Embora com o fracasso inicial da majestosa e gigantesca campanha das DIRETAS JÁ, Tancredo Neves se elegeu, por via indireta, Presidente da República. Veio a falecer poucos dias antes da posse, havendo forte comoção nacional.

Sob grande tensão política, José Sarney, seu vice, assumiu a presidência. Foi um período conturbado e muito permissivo, especialmente na questão ética. A direita reacendeu seus vícios de modo insaciável.

A inflação perdeu o controle. Criou-se o PLANO CRUZADO muito mal sucedido. Conseguindo mais um ano de mandato à custa de inconfessáveis matreirices, Sarney, mestre no assunto, governou por um quinquênio.

Fernando Collor de Melo, ex-governador das oligarquias alagoanas, por via direta e num partido político desconhecido e pequeno, se elege presidente da República, tendo como vice o ex-governador de Minas Gerais, Itamar Franco (PMDB), de grande respaldo ético. Sua principal bandeira da eufórica campanha foi a apetitosa promessa de implacável combate à corrupção, com sua emblemática caça aos marajás.

No final de 1992, o Congresso Nacional, com esmagadora maioria, cassa Collor (impeachment), após a memorável manifestação de rua dos “caras pintadas” de verde-amarelo.

Assume, constitucionalmente, seu vice, o honrado Itamar Franco. Acontece o Plano Real, orquestrado pelo ministro da Fazenda, o sociólogo e senador Fernando Henrique Cardoso. A inflação é, realmente, controlada. Com o sucesso do Plano Real, Fernando Henrique se elege, em primeiro

turno, presidente da República, em 1994. Por ter sido reeleito, também em primeiro turno, governou por oito anos.

O instituto da reeleição, até então inédito no Brasil, custou acordos políticos muito danosos ao país. Apesar de ter controlado com eficiência a inflação e ter implantado reformas por meio de questionáveis e nebulosos métodos de privatização, o país esboçou progresso econômico e social, alcançando, inclusive, visibilidade internacional.

Em 2002, na terceira tentativa, Luís Inácio Lula da Silva vence as eleições. Usou como arma de campanha o combate à corrupção da direita, ostentando, garbosamente, a sagrada bandeira da ética, da qual o Partido dos Trabalhadores (PT) muito se ufanava. Contou com o apoio predominante dos intelectuais, dos artistas e da Igreja adepta da Teologia da Libertação, tendo como alvo favorecer as classes menos privilegiadas que se constituíam em esmagadora maioria.

Carismático e habilidoso no jogo político, Lula conseguiu melhorar, visivelmente, as condições socioeconômicas dos desvalidos, especialmente nas regiões mais pobres (Norte e Nordeste). Seu principal plano midiático FOME ZERO foi efetivo, projetando-o nacional e internacionalmente.

No campo da macroeconomia, elevou substancialmente as reservas cambiais do país e retirou o Brasil da tutela do Fundo Monetário Internacional (FMI), pretensão considerada quase impossível.

Com o instrumento de utilização de vários tipos de bolsa, buscando oferecer apoio financeiro às camadas mais

pobres, sem exigir delas nenhum trabalho, tal fato tem se constituído, na minha visão pessoal, educativamente muito deletério, viciando o cidadão que incorre no risco de perder o respeito ao trabalho.

Muito mais que o PT foi o presidente Lula, por seu carisma e capacidade no jogo político, o principal responsável pela eleição de Dilma Rousseff à presidência do Brasil, a primeira mulher brasileira a ocupar este posto.

Ainda no governo Lula, as crises econômicas internacionais tiveram pouca repercussão na economia nacional. Contudo, atualmente, já se fazem sentir os efeitos das crises internacionais. O crescimento do país não tem atingido os índices anuais previstos pelo próprio governo.

A corrupção no Brasil vem crescendo na freqüência e no montante, porém detectada, sem dúvida, em decorrência de um melhorado diagnóstico graças, principalmente, à ação destacada do Ministério Público e da Polícia Federal. O mais frustrante é isto ocorrer no governo do PT que sempre ostentou a bandeira da ética como seu principal instrumento de persuasão. Vide o emblemático MENSALÃO que, em nada, é inédito no Brasil, apenas ocultado.

Em junho de 2013, o povo mais uma vez, especialmente a juventude, decepcionado e indignado com tantos e vultosos escândalos da mais descarada e diversificada corrupção, foi às ruas das principais cidades brasileiras (Clamor das Ruas). Protesta veementemente contra o “*status quo*”, usando as redes sociais como principal instrumento de comunicação. Rejeita

firmemente a participação de todos os partidos políticos, negando-lhes credibilidade e respeito.

Estes, os partidos políticos e o Poder Executivo, surpresos e, aparentemente, apavorados, à semelhança de grandes pecadores, esboçam superficiais e desacreditadas promessas e votos de mudanças moralizadoras no tabuleiro político.

O povo está incrédulo, desamparado, inseguro, sentindo-se enganado e desenganado. Não acredita nos governantes executivos, do prefeito ao presidente. Desaprova, visceralmente, o Poder Legislativo e o Poder Judiciário. Este, com as leis atuais vigentes, além dos vícios que porta, se sente limitado na função primordial de fazer justiça. Este sistema não está bem. Basta ver: as cadeias abrigam apenas a classe pobre; os ricos escapam quase todos.

Como fica? A DIREITA é sinistra e a ESQUERDA não é direita.

Resta-nos revisar o binômio ELEITOR *versus* ELEITO.

Cada um de nós, eleitor, tem que exercer com decência, vigor e rigor a cidadania que significa cumprir o dever e exigir o direito. Colocar a culpa de tudo só no eleito – o político, representante de nós cidadãos – é pouco, incompleto e até injusto. Cabe-nos escolher com seriedade os candidatos e deles exigir. Nós temos o principal tribunal sob nossa responsabilidade: O PODER DO VOTO.

A sociedade, como um todo, tem que participar. É isto que ocorre em países democraticamente mais sólidos.

Resta-nos o óbvio convencimento de que tudo para melhorar o nosso país passa pela EDUCAÇÃO.

O autor é membro titular da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes, membro titular da Academia Cearense de Medicina, professor de Cirurgia Cardiovascular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Cardiovascular.

JOSÉ AIRTON PEREIRA SOARES

Acadêmico Fundador - Cadeira nº 40

OS FAROFEIROS

Pouco importa os julgamentos dos outros. Os seres são tão contraditórios que é impossível atender suas demandas. Tenha sempre em mente simplesmente ser autêntico e verdadeiro.

DALAI LAMA

Temas: AUTENTICIDADE, POVÃO, STATUS SOCIAL

Gosto da autenticidade dos farofeiros. Despregados de qualquer convenção social, constroem em torno de si e de sua comunidade um verdadeiro quartel de convivência singular.

Barulhentos, anti-higiênicos, seja o que forem, ao chegarem à praia com suas provisões: apetrechos logísticos (redes, panelas, churrasqueiras, carnes, sal e som); filharada “caneluda e remelenta” e a indispensável garrifinha do “celular”... quanta felicidade! Isso é que importa.

- “Farofeiro” à vista!

Quase sempre empreendemos fuga. Eles nos incomodam. Tenho a impressão de que o incomoda mesmo é o nosso papel profissional. Lá, bem escondidinhas, na medula do inconsciente existem em cada amante da etiqueta, com certeza, conexões desejosas em lambuzar a alma de farofa.

Concluo esta apologia citando Osman Lins, em *Problemas Brasileiros*: “Só existem, no Brasil, duas coisas verdadeiramente democráticas: a praia e a literatura. Estão sempre abertas a quem chega e ninguém paga entrada”.

A praia, infelizmente, não é mais. Alguns prefeitos começam a enxotar banhistas pobres (os “farofeiros” que levam frango assado para comer com areia). A literatura continua sem prefeito, se bem que não falte quem se apresente para delegado.

SUFLÊ DE FANTASIA

*A vida é prosa e poesia.
Prosa é o prático: alimentar-se para viver,
consumir. Poesia é viver na intensidade, cultivar a
emoção, exaltar-se.*

EDGAR MORIM

Temas: ARTE, DINHEIRO, GOETHE, SONHO

Será a realidade mais nutritiva? Suponhamos que sim, mas quem resistirá a um pomposo suflê de fantasia? Ninguém, sobretudo nós, poetas que vivemos a ciscar emoções e arrebatamentos nos milhares de palavras plásticas e sonoras da nossa querida língua.

E os que se tacham de não sonhadores, suprarrealistas, como passam, como vivem? Pra responder não encontrei pessoa melhor: Goethe, o grande poeta alemão.

“Fiquei muito impressionado ao descobrir como é formado o público de uma grande cidade, ele vive num tumulto para fazer dinheiro e em atividades dispersivas e o que chamamos emoção nem pode ser expresso e comunicado. Todos os prazeres, até mesmo o teatro, devem apenas distrair. Parece-me ter notado aversão pelas produções poéticas. A poesia demanda meditação, isola o homem contra a sua vontade, ela brota vez e outra e no vasto mundo para não dizer o grande, ela é tão incômoda como uma amante infiel”.

JOSÉ JÚLIO MARTINS TORRES

Acadêmico - Cadeira nº 23

POR QUE É IMENSO O MAR?

Dizem que, certa vez, perguntaram a Confúcio: por que é que o mar é imenso? Ele pensou sete anos sobre que resposta daria para essa pergunta. Depois de sete anos ele respondeu: “O mar é imenso pela humildade que tem para receber e, também, pela grande capacidade que ele tem de dar”, ou seja, é pela grande capacidade de dar e, também, pela grande humildade de se colocar abaixo do menor dos regatos, para poder receber a água de todos eles. Se o mar estivesse acima dos rios e regatos, ele seria uma ilha, e não o mar. E para o exercício dessa grande humildade é preciso saber amar.

Pensando nessa tão sábia lição de humildade eu fiz a seguinte sextilha:



CAMINHADA AO LUAR

Em 1995, quando era funcionário do Banco do Nordeste, eu fiz um Curso de Consultoria Interna, no qual se trabalhava muito a questão da consciência, também corporal, por meio de Dinâmicas e de Vivências Biocêntricas. Após o término do Curso, resolvemos fazer um trabalho de Consciência Corporal com o maratonista e terapeuta corporal, Norval Cruz, que toda noite de Lua Cheia faz uma Caminhada ao Luar com um grupo, nas imediações da praia da Abreulândia, em Fortaleza.

Trata-se de uma caminhada de três horas e meia, todos em absoluto silêncio. Inicialmente, às 22 horas, se fez um ritual no qual se pediu, aos nossos ancestrais e aos espíritos da Natureza, permissão para adentrar a mata. Norval Cruz, à frente, a certa distância, todos adentram a mata próxima à praia, às vezes rastejando mesmo. De vez em quando, parando, observando e escutando o silêncio da Natureza. Chegando às dunas, sobe duna, desce duna, rastejando, rolando. Observando tudo em absoluto silêncio. Terminamos a caminhada quando já era uma hora da manhã, todos formando uma roda, dentro do mar, todos abraçados pela cintura e também com água pela cintura. Somente, então, cada um falou sobre as suas impressões sobre a caminhada.

Durante a caminhada eu observei que existe Mandacaru na mata e até nas dunas próximas à praia. O Mandacaru, uma planta bem característica da caatinga, cresce bem junto ao Murici, que é uma planta característica da praia. Eu fui o último a falar. Então, saiu, na hora, a seguinte poesia:

CAMINHADA AO LUAR

Tendo as dunas como piso
E como teto o luar,
Encontrei um sertanejo
Bem na beirinha do mar...

O velho Mandacaru,
Com um praiano a conversar...
O praiano, Murici,
Bem junto dele, a brotar.

Cheguei-me, bem de mansinho,
Para melhor escutar...
Estavam os dois falando,
Como que a me ensinar,
Que: **Se estamos neste mundo,**
É somente para amar.

MANUEL EVANDER UCHÔA LOPES

Acadêmico Fundador - Cadeira Nº 1

RAIMUNDO RIBEIRO LOPES (UMA BREVE BIOGRAFIA)

Ainda muito jovem já administrava negócios e propriedades de seu pai sendo, portanto, um bravo lutador da cidade, da serra e do sertão.

Raimundo Ribeiro Lopes nasceu na Fazenda Riachão de Cima, de propriedade de seus pais, situada no lugar denominado Campo Lindo, hoje distrito do município de Reriutaba, em 30 de Janeiro de 1912. Era um dos filhos mais velhos de Manuel Lopes de Medeiros e Maria Ernestina Lopes. Fez seus estudos básicos, Curso Primário e Curso Ginásial em Reriutaba; Apesar do pouco estudo adquirido, gostava de ler jornais, revistas e alguns romances, chegando, até, a compor alguns poemas.

Casou-se com Tereza Uchôa Lopes, filha de Raimundo de Souza Uchôa e Higina Rosa de Melo, de cujo enlace nasceram os filhos: Maria Creuza Uchôa Lopes, Farmacêutica Bioquímica; Francisco Ediberto Uchôa Lopes, Médico Veterinário; Manuel Evander Uchôa Lopes, Engenheiro Civil; Dalva Maria Uchôa Lopes, Administradora de Empresas; Edmundo Uchôa Lopes, Engenheiro Agrônomo, Edilson Uchôa Lopes, Engenheiro Civil e Liduina Uchôa Lopes

Pereira, Médica Pediatra e Neonatologista, com Mestrado Em Saúde e Meio Ambiente.

Raimundo Ribeiro Lopes era comerciante e agropecuarista, atividades que exerceu nos municípios de Reriutaba e Croatá por alguns anos. Era um homem simples, de boa índole e muito prestativo que a todos atendia com solicitude e atenção, sendo, de certa forma, um mentor e orientador da família. Na atividade política pertencia a União Democrática Nacional, tendo exercido em Reriutaba os cargos de Delegado e de Prefeito (Interventor) no ano de 1946, indicado pelo partido e nomeado pelo governo.

Com o objetivo de proporcionar aos filhos uma melhor educação mudou-se para a cidade de Ipu em 1947, na época um centro mais desenvolvido. Ali fixou residência por um longo período e estabeleceu-se como comerciante do ramo de calçados, negociando com calçados de ótima qualidade e materiais para fabricação de calçados mais populares. Desenvolveu paralelamente suas atividades de agropecuarista nas regiões do sertão e serra. Mais tarde, pensando novamente na educação dos filhos, mudou-se definitivamente para Fortaleza, Capital do Estado, para proporcionar mais facilmente a educação superior a todos os seus filhos. Objetivo plenamente conseguido, tornando-o um pai vencedor e mais orgulhoso de ter, assim, garantido um futuro brilhante para os filhos em suas diversas profissões de nível superior.

Raimundo Ribeiro Lopes deixou para os filhos um exemplo altruísmo, dignidade, amor e dedicação à família

e ao trabalho a ser seguido e meditado por todos nós. Pois, como ele sempre fez questão de dizer, o importante não é deixar muitas riquezas materiais, mas uma que permaneça **“A Educação”, uma profissão de nível superior.**

Ainda jovem (com 79 anos), partiu para continuar sua missão em outras plagas.

“Até qualquer dia, meu Pai... Mas, não tão logo.”

.....

O autor é membro fundador da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes (AILCA), Engenheiro Civil aposentado do Banco do Estado de São Paulo SA (BANESPA). Formado em Engenharia Civil pela Escola de Engenharia da Universidade Federal do Ceará; Tem Curso de Pós Graduação na Escola de Administração da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP), Curso de Pós-Graduação em Economia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-SP); Tem, também, formação em Engenharia de Avaliações e Engenharia de Segurança do Trabalho.

SONHOS

Autor: Raimundo Ribeiro Lopes

Cinquenta extensos anos já passaram,
Ou fomos nós que passamos, eu não sei;
Sei, porém, que as coisas boas que ficaram,
Lembram teu amor ao amor que te dei.

Filhos e netos queridos que ampliaram
Os teus sonhos e os sonhos que eu sonhei;
Obras que fiz e que frutificaram,
De igual modo às árvores que plantei.

Que mais precisa? Só resta agradecê-las,
As mil graças recebidas do Senhor,
Esperando continuar a merecê-las.

MARIA DE JESUS LIMA

Acadêmica - Cadeira nº 26

E TUDO COMEÇOU ASSIM...

(Homenagem à Mimosa Araújo)

O ano era 1952/1953 quando eu a conheci. Quero dizer-lhe que foi muito bom tê-la conhecido. Você, com sua sensibilidade, não demorou a perceber as dificuldades que se teria para criar uma família grande em uma cidade do interior, naquela época, mesmo sendo a nossa cidade natal. Em nossas conversas de calçada, à noitinha, trocávamos ideias sobre a vida e você, então me passava muitas palavras de incentivo, aquela força de argumentos; foi como uma grande luz que iluminou o meu caminho. O seu otimismo e sua fé foram um presente de Deus na minha vida. Sua amizade me fez crescer em várias direções que tenho percorrido.

Hoje sou feliz, pois a minha caminhada foi laboriosa, mas valeu, tudo mudou. Seu pai, José Osvaldo Araújo deu a sua contribuição. Quando surgiu a primeira oportunidade ele mostrou a porta de entrada. Por isso hoje estou aqui, participando com grande alegria desta linda festa de aniversário, seus noventa anos. Esta feliz data completa-se por ser o dia da Imaculada Conceição. Ela, que guiou seus passos para constituir uma família e fazer muitos amigos.

É um dia de felicidade para todos. Em particular, posso dizer-lhe, é o dia também da minha grande alegria, pois estou tendo esta oportunidade de celebrar esta imensa amizade que nos uniu por todos esses anos. Foram anos de confidências, anos de confiança e de convivência feliz. Este ato litúrgico é a celebração de tudo. Só me resta agradecer a Deus esta oportuna ocasião de poder prestar esta modesta homenagem. Creia-me, Mimosa, seu nome está escrito no meu coração. Parabéns pela Vida.

BIOGRAFIA DE JOSÉ OSVALDO DE ARAÚJO (OSVALDO ARAÚJO)

Oswaldo Araujo - filho de José Lourenço de Araújo e de Maria do Carmo Araújo - nasceu a 17 de março de 1894, em Ipú, cidade que na opinião de muitos, teve origem na língua Tupi: a denominação desta palavra nasceu da admiração à beleza de suas quedas d'água, de cima da montanha que a natureza emprestou a fim de, a partir do descortinar do jorro das águas, tudo ali fosse motivação para as grandes criações artísticas do seu povo. O seu crescimento cultural é um fenômeno verídico.

Foi nessa cidade-poesia que Oswaldo Araújo fez seus preliminares estudos, à época: "7 de setembro" e José de Alencar". Tornou-se um autodidata diante da precariedade dos cursos aqui citados. Com inteligência e força de vontade adquiriu desenvoltura como pesquisador. Tomou-se de interesse por assuntos históricos e relacionados com a imprensa; aos 16 anos iniciou uma coleção de primeiros números de periódicos brasileiros e tal coletânea alcançou a 13.000 exemplares, conhecida atualmente em todo o país.

Para complementar seus conhecimentos diante das dificuldades que a vida lhe impôs, teve como professor livros e jornais que lhe chegavam às mãos. Dessa forma, ele estabelecia horário turno, domingos e feriados, a fim de elevar sua cultura literária; sendo a história a área de sua predileção. Com tal determinação, assim cresceu e conseguiu seu objetivo de tornar-se um conhecedor profundo em muitas áreas construtivas

para a vida humana. Foi com esta conduta irrepreensível que alcançou prestígio e admiração por onde passou. Conseguiu arborizar o percurso de sua estrada, com ações de humanismo, com a simplicidade que lhe era peculiar.

Foi o terceiro de uma família de oito irmãos. Quando o seu pai faleceu, assumiu a direção de tudo o que ficou: bens, fazendas e comércio. Neste último, não obteve progresso, pois o seu coração movido por sensibilidade, nunca negava àqueles que o procuravam na certeza de serem atendidos em suas necessidades. Por ironia do destino, as reservas decresceram e seu comércio fechou. Naquela ocasião, era seu intento seguir a carreira de advocacia, mas diante da responsabilidade que assumira fez com que ele abdicasse desse objetivo, a fim de fortalecer o futuro do seu irmão mais novo, que já desejava abraçar a profissão da medicina que, na época, só existia o Rio de Janeiro. Assim fez-se médico o Dr. Francisco Araújo, que chegou a galgar posições de destaque em nosso Estado, quando então teve a chance de ter, na sua Ipú, a maternidade que leva o seu nome. (Secretário de Saúde)

Em Ipú, Osvaldo Araújo constituiu família, onde também nasceram seus 4 filhos: Mimososa Araújo, Amaury Araújo, Zé Aragão, e PE. José Lourenço de Araújo. Depois, decidiu residir em Fortaleza para que pudesse oferecer aos filhos educação condizente com seus anseios de pai zeloso. Sua primeira mulher foi acometida por moléstia até então invencível, vindo a falecer. Com a 2ª núpcias veio a aumentar o número de filhos: Osvaldinho, Maria Estrela Maria Olinda Maria Zita.

Foi um homem do lar e do seu trabalho, autodidata da melhor estirpe. Funcionário da empresa “Sul América”, com jurisdição em todo o Estado. Já aposentado, exerceu a função de secretário executivo do Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Ceará (Histórico Geográfico e Antropológico), foi colaborador na revista do Instituto do Ceará. Foi integrante na Diretoria da Associação Cearense da Imprensa – ACI, e restaura hemeroteca que tem o seu nome.

Esta personalidade foi um exemplo de pessoa humana, amava o seu torrão natal. Pisava macio para não machucar o seu chão. Foi poeta, sensível e romântico. Seus poemas retratam a grande capacidade de amar. Deixou para aqueles que o conheceram, relíquias como a que segue:

O regresso de Iracema

De: Osvaldo Araújo

(Declamado no dia 24 de julho de 1965, quando foi inaugurada a estátua de Iracema em Ipú).

Iracema,

Voltaste,

Fugiste do poema

Que inspiraste

A Alencar

Para retornar

À velha taba

Da grei Tabajara

Aqui, neste sopé da Ibiapaba

Voltaste,
Não mais trazendo na haste
Da flecha agressiva
Aquele primeiro impulso
Com que feriste o guerreiro,
O invasor
Da tua terra nativa,
A quem deste o teu primeiro amor.
Voltaste
Aos campos
Onde tu,
Como uma selvagem,
Corrias em liberdade
Na sua puberdade
Agora, voltaste para ficar,
Para não mais migrar...

Encerro assim, a biografia que foi solicitada neste dia que me assento com muita honra nesta **Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes.**

MARIA DE LOURDES DIAS LEITE BARBOSA
(Lourdinha Leite Barbosa)

Acadêmica – Cadeira nº 20

BUMERANGUE

O chegar foi moroso, sofrido, magoado. Não se reconhecia, era outra. O passado a deixara aos pedaços, revirara suas entranhas. Agora era se deixar ficar, sem pensamentos, a cabeça oca. Durar, render-se, habituar-se ao novo lugar.

Partira na calada da noite, escorraçada e humilhada. Até ameaça de morte ele fizera. O medo, o difícil caminhar, os garranchos cortando sua pele. Guiou-a o instinto de preservação e a certeza de que ali, em terras de gente de poder, estaria a salvo. Dependurou o medo e o cansaço no cabide, junto com o velho vestido desbotado.

Aos poucos, acostumou-se à cozinha larga e clara, à senhora de fala doce e andar firme, à criançada barulhenta e, principalmente, à labuta extenuante, desde o nascer do sol. Todos os dias. O entorpecimento.

Colheita do feijão. Colheita do milho. Colheita do algodão. Farinhada. O esquecimento.

Rebrotou devagarinho, sem pressa. Duro aprendizado, somente hoje compreendia.

As chuvas trouxeram à fazenda um rapazola franzino, de olhar manso e fala pouca. Necessitava trabalhar. Saia cedo e voltava ao escurecer. Passou a dormir no quartinho dos fundos.

Sempre que lhe servia o café, os olhos mornos pesavam sobre ela. Fingia não perceber.

Dias de chuva, dias de sol. Desassossego, insônia, calor, inquietudes prementes e, pela manhã, o peso dos olhos mornos sobre ela.

Certa noite de luar, a lua atravessou as folhas da velha ingazeira e desenhou arabescos nos corpos nus, entrelaçados.

O tempo mudou. Os olhos esfriaram. E ela em silêncio. Não comia. Acordava sobressaltada com náuseas. A senhora interrogava e ela não abria a boca.

Murmúrios. Numerosos. Desavergonhada! Ele é quase um menino!

Ele se esquivando, desconfiado, jurando inocência:

— “Quem deve que pague!”.

De repente, ele dormiu e não amanheceu.

Resignada, ela partiu em busca de um novo refúgio, como a fechar uma porta sem fim.

MARIA DE LOURDES MOZART MARTINS MOURA

Acadêmica - Cadeira nº 35

COISAS DO AMOR

O amor tem cada coisa
Que nem precisa explicar.

Hoje, passados anos,

Recordo tudo o que fiz:

Correr atrás, sofrer, pagar micos,

Sonhar, dormindo ou acordada.

Juventude brotando

Num mundo colorido

Cheio de fantasias.

Ah... se o tempo voltasse...

Em nome do amor.

Faria mais do que fiz.

*“Há sempre alguma loucura no amor.
Mas há sempre um pouco de razão na loucura”.*

Friedrich Nietzsche

ESTRELA SOLITÁRIA

Quando eu me for
Lembrem-se de mim,
Tal como eu era.
Não exagerem nas qualidades
Nem escondam os defeitos.

Não gosto do odor de velas
Nem de flores em coroas.
Deixem as rosas nos jardins;
Lá elas dão vida à vida.

Cantem alto, em harmonia.
Quem sabe... eu escute?
Digam poesias, recitem salmos.
Quem sabe... eu sorria?

Se virem uma estrela solitária
Pensem em mim, sem lamento.
Essa estrela sou eu
Vagando no firmamento.

*“A vida é como uma sala de espetáculos;
entra-se, vê-se e sai-se”.*
Pitágoras

**MARIA DO CARMO CAVALCANTE ARAGÃO MAGALHÃES
(CARMITA)**

Acadêmica Fundadora - Cadeira nº 6

**TRIBUTO AO MEU GRANDE AMOR,
RAIMUNDO SALU**

(in memoriam)

Assim começou nossa história...

Coincidência

08 de dezembro de 1952!

Já faz tanto tempo...

Muito eu me lembro:

Eu estava na janela

Tu passaste, dirigindo

Um caminhão,

“FARGO”, verde, lindo!

Olhei pro carro, admirando

E tu ficaste pensando,

Que eu olhava para ti!

Nossos olhos se cruzaram

E nosso amor nasceu ali!

Havia diferença de idade,

Tu, rapaz fogo, experiente

Eu, menina-moça, faceira, inocente,
Logo me apaixonei por ti.
Juras de amor nós trocamos
E um par feliz nos formamos!

Realidade

É difícil acreditar
Muito, muito mais de aceitar.
Tão duro golpe.
Conversou animado
Andou da calçada ao quarto,
O ar dificultou
Andou pela casa
Não melhorou,
Sentou-se na cama
E falou:
-“Tô morto, meu filho!”
E na cama deitou.
A vida acabou,
Tudo mudou.
Agora estou só!

Lembranças

Não é fácil esquecer...
Teu vulto cansado,
Caminhando lento,
Com as marcas do tempo
No teu rosto amado.

Não é fácil esquecer...
As conversas na calçada...
Tua cadeira na sala,
Enfim, cada canto da casa
Lembra-me de ti.

Não é fácil esquecer...
Esta cruel realidade,
Cruciante, tamanha saudade
Dor, que dói demais.
Pensar em ti ver – nunca mais!

Procura

Onde estás?
Procuro-te a cada instante,
No vento, na sombra, no espaço,
No mar, na lua, nos astros,

Na rua, na chuva, no prado,
Na porta do nosso quarto,
Procuro em tudo
E nada acho.
O silêncio é intrigante,
É ele que me responde
Com o vazio.

Recordação

Passo as horas
A pensar...
Voltar no tempo
E recordar:
Gestos, ações, olhares,
Tuas mãos a me afagarem,
Pequenos gestos insignificantes
Hoje, seriam tão importantes...
Mas o tempo ligeiro passa,
E tudo o tempo acaba.
E eu não aproveitei todo momento,
Vejo tudo e revejo no pensamento.
Resta-me somente a tristeza,
A solidão e o lamento.

A autora é Pedagoga em Administração Escolar (EUCE - 1978)
** Licenciada em Letras (Faculdade de Filosofia D. José de Sobral - 1979)*
** Pós Graduada em Técnicas Didáticas (CETEB - 1988) * Especialização*
*em Formação de Professores para Ensino Fundamental (UVA - 1999) **
Cerimonial, Protocolo e Etiqueta (FCDL - 2009).

*Associações: * AILCA - Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes **
AFAI - Associação dos Filhos e Amigos do Ipu.

MARIA GRAZIELLA VALE EVANGELISTA

Acadêmica – Cadeira nº 29

O INESQUECÍVEL E POPULAR MONSENHOR MORAIS

Possuidor de uma personalidade marcante, integridade moral, tenacidade, honestidade e bom senso.

Defensor incondicional da cidade de Ipu! Fez por ela, mais do que seus filhos e prefeitos que até hoje a administram.

Amava o Ipu!

Fundou o Patronato Sousa Carvalho, dirigido pelas irmãs de caridade de São Vicente de Paulo, referencia regional, orgulho dos ipuenses, e também o Ginásio Ipuense, a Escola Profissional, a Maternidade e o Hospital Dr. Francisco Araújo, o Posto de Puericultura, a Banda de Música com sua sede, os primeiros telefones da cidade, o Centro Social Urbano, o Salão Paroquial e o Lar do Menino Abandonado.

Foi criador da Fábrica de Mosaico, e da Serraria, gerando empregos as pessoas menos favorecidas.

Vale ressaltar, a sua sagacidade, que cômicos dos benefícios que traria ao Ipu a determinação do Ministério da Saúde em construir um hospital regional, na cidade, escolhida por sua situação geográfica privilegiada, pois, equidista uns trinta quilômetros de umas cinco sedes municipais.

Superados todos os empecilhos e dificuldades depois de construído o hospital, o novo embate: lutar para que o hospital entrasse em funcionamento! Não hesitou, foi à luta!

O Hospital Regional recebeu o nome de “Hospital Regional Dr. José Evangelista de Oliveira”, por ter sido ele o doador do terreno.

Monsenhor Moraes deixou pegadas inapagáveis, em sua passagem pelo Ipu!

Enfim, procurei ser fiel, mencionando algumas das qualidades e efeitos da trajetória de vida do nosso Monsenhor Moraes.

.....
A autora é Farmaceutica, Bioquímica e Sanitarista.

MARIA VANDA TORQUATO SCORSARAVA

Acadêmica – Cadeira nº 24

A VIDA

Somos o tempo ou são coisas
que passam a vida inteira
pode-se ser feliz numa reta
ou infeliz em becos escuros
Nesta vida haverá de se ver
tristezas que não acabam nunca
a planta seca no dia a dia
por falta d'água
e por quem sem amor
não soube amar
e se devora a si mesmo
entre idas e vindas
Deus velará por nós
pronto para nos ajudar
e alterar o rumo de tudo
que parece parar para sempre
ou que ficou atrás no escuro
peso o que ficou atrás

das janelas e portas
no oco, no vão de palacetes
de parece onde bate a água
engolindo o casebre, a casa
e de tudo o que forma a alma,
o corpo a existência inteira
árvores, flores, rios e mares
de todos nós que caminhamos neste planeta
ele ali está perto esplendor de sua face.

NATÁLIA MARIA VIANA SOARES LOPES

Acadêmica Fundadora - Cadeira nº 14

VAGALUME

Ó pequeno vagalume,
encanto da criançada,
que é feito de teu piscar,
de tua luz azulada?
Onde andas, vagalume,
sumiste de nossa vida,
fugiste de nossas noites,
das noites tranquilas da infância,
noites calmas sem luar...
que é feito de tua fosforescência,
de tua doce inocência?
como era bom te encontrar!
de leve, bem de mansinho,
entre as mãos te aprisionar;
ver de perto que eras simples demais,
com a pureza das estrelas
e as asas do passarinho.
Volta ao sertão, às cidades,
traz-nos de volta a alegria...

eu quero ver-te de novo
a piscar, de quando em quando,
e desvendar teus mistérios,
embrenhar-me na saudade,
respirar a pureza da vida sem atropelos
despoluída e feliz,
eu quero sentir de novo,
a vida sem violência,
sem bombas, robôs nem mísseis,
sem assaltantes armados,
nem revolta nas famílias.
Vagalume, vagalume,
volta ao sertão às cidades,
para as crianças de agora
conhecerem teu encanto
aprenderem o que é pureza,
alimentarem a esperança,
construindo um mundo novo,
tendo Deus no coração,
e respeito à Natureza.

A autora é professora estadual aposentada, formada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará. Professora e Secretária do Ginásio Ipuense,(1958 a 1978); professora e Diretora da Escola Estadual Auton Aragão de Ipu(1964 a 1983), Técnica em Assuntos Educacionais da Fundação de Teleducação do Ceará –TVE, onde exerceu a função de Diretora da Divisão de Material, Patrimônio e Serviços Gerais e Diretora Financeira. Em Ipu foi Secretária Municipal de Cultura e Turismo (1993), Secretária Municipal de Educação e Cultura (2001 a 2004) e Assessora Especial de Comunicação Social (2009 a 2012). Membro da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes, ocupando a cadeira nº 14, cuja Patrona é sua avó, Maria de Lourdes Magalhães Ximenes (Donzinha Magalhães). Participa do Grupo Delmiro Imortal, como Secretária, e da ACAI-Associação da Cultura e Arte de Ipu.

OLÍVIO MARTINS DE SOUZA TORRES

Acadêmico Fundador Cadeira nº 8

SONHO AZUL

Sonho Azul era o nome de vagão dos trens da Rede Viação Cearense (R.V.C), bem confortável, com ar condicionado, usado pela R.V.C tanto na linha Norte (Fortaleza - Crateús) como na linha Sul (Fortaleza - Crato). Andar nele, nas minhas viagens a Ipu, só quando comecei a trabalhar, pois a passagem era mais cara. O trem era o transporte mais usado pela população do Estado, sendo desativado para dar lugar ao transporte rodoviário. Coisas do Brasil verde-amarelo!

Falando do Sonho Azul, ouvi dizer que muitas pessoas sonham em cores e em preto-e-branco. Não me lembro da cor dos meus sonhos. Às vezes, sonho com o Seminário Franciscano de Santo Antônio, em Ipuarana, Lagoa Seca (PB), com o banco em que trabalhei (Banco do Nordeste do Brasil – BNB) e com o centenário colégio Liceu do Ceará (fundado em 19.10.1845), onde concluí o 3.º Ano Clássico, após deixar o Seminário.

No Liceu do Ceará fui também professor durante seis lustros, ministrando aulas de Língua Portuguesa e de Literatura Brasileira e Portuguesa no turno da noite, haja vista que os expedientes diurnos eram no BNB.

Outras vezes, em vez de sonhos dourados, tenho pesadelos. E o pior dos pesadelos é quando sonho que o Convento de Ipuarana foi alienado. Que não pertence mais à Província Franciscana de Santo Antônio, com sede em Recife (PE), como os Conventos de Tianguá e de São Cristóvão que foram alienados. Acordo aliviado, rogando a Deus que isto nunca aconteça.

Mas, ontem, em Fortaleza, antes da Missa da Ressurreição do colega Saraiva, conversava com o amigo Dário Sampaio, ipuaranense e colega de banco, dono da conceituada empresa SCOPA, especializada na construção de apartamentos e de prédios comerciais, sobre a possibilidade, remota talvez, de o Convento de Ipuarana ser exposto à venda pela Província Franciscana. E chegamos à conclusão de que se isto, um dia, viesse a ocorrer, a maioria dos ex-alunos do Seminário de Ipuarana, no Brasil e no exterior, se reuniriam e, num hercúleo esforço conjunto, conseguiriam alavancar recursos para adquirir aquele território sagrado, mesmo que tivessem de se desfazer de alguns de seus bens.

E iríamos todos morar lá, em Ipuarana, numa comunidade semelhante àquela dos primeiros cristãos na Terra Santa. E, acatando a orientação de Cícero, em *De Senectute* (Sobre a Velhice), iríamos nos dedicar à agricultura, cultivando hortifrutigranjeiros, sem agrotóxicos, como já faz o ex-seminarista franciscano Guimarães, o famoso João Cuscuz, meu colega de turma, em seu sítio próximo a Ipuarana.

Pelo menos, já contaríamos com o conhecimento e a experiência do João Cuscuz nessa área e, também, com a tecnologia dos colegas engenheiros agrônomos. E iríamos levar uma vida saudável e tranquila como preconizava o poeta latino Horácio (Epodos):

*Beatus ille qui procul negotiis,
ut prisca gens mortalium,
paterna rura bubus exercet suis,
solutus omni foenore.*

(Feliz quem está longe dos negócios como os antepassados, tocando os bois nos campos paternos, livre de todas as preocupações).

Meditando levemente, não como os budistas que são mestres nessa arte, fico, às vezes, pensando neste indecifrável enigma - tal qual o da Esfinge - da relação sentimental entre Ipuarana e seus ex-alunos. Não tenho a resposta. Talvez seja a SSF (Síndrome de São Francisco) ou, como alguns dos ex-alunos ligados ao campo já se expressaram, talvez seja porque fomos ferrados, a fogo, com a marca registrada do Homem do Milênio - São Francisco de Assis. O *homo ipuaranensis* parece ser uma espécie diferente - nem melhor nem pior que as outras -, mas que ainda não foi explicado devidamente.

OS LUSÍADAS - CURIOSIDADES

Não pretendo fazer, aqui, uma crítica literária do maior poema épico da língua portuguesa, pois, para tanto, me faltam engenho e arte.

Desejo, dentre outros aspectos, registrar as semelhanças existentes nos primeiros versos de alguns dos grandes poemas épicos da humanidade.

Homero, o grego pioneiro da epopeia, inicia assim a Odisseia: **Andrα μοι ennepε, Mousα, polytropov...**Fala-me, ó Musa, do homem muito viajado...

Virgílio, poeta latino, O Cisne de Mântua, diz na Eneida: *Arma virumque cano...* Canto as armas e o varão...

Torquato Tasso, poeta italiano, em Jerusalém Libertada, proclama: *Canto l'arme pietose e'l Capitano ...* As armas canto e o capitão piedoso...

Camões, o maior vate português, em Os Lusíadas, anuncia: *As armas e os barões assinalados... Cantando espalharei por toda parte.*

Consoante se vê, há, de fato, similitudes na introdução destes grandes monumentos literários que o espírito humano foi capaz de criar.

Alguns veem nisto uma homenagem que os poetas posteriores quiseram prestar a Homero, o poeta maior, pai de todos os épicos.

Já outros enxergam um ligeiro plágio, pois, como já dizia o comediante latino Terêncio (O Eunuco, Prólogo, 4),

Nullum iam dictum est quod non sit dictum prius, ou seja, Nada se diz que já não tenha sido dito antes.

O filósofo popular brasileiro Abelardo Barbosa, o Chacrinha, também sentenciava, frequentemente, em seus programas de TV: “*Nada se cria, tudo se copia*”.

Cada um faça seu julgamento sobre essas semelhanças ocorridas nos poemas supracitados e daí tire suas ilações.

Analisando sucintamente o poema épico *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, apontam-se os seguintes números:

10 cantos;

1102 estrofes ou estâncias de oitava rima;

8816 versos decassílabos;

5.000 palavras utilizadas no poema inteiro.

Segundo uma antiquíssima lenda, foi Luso, filho de Baco, o fundador de um reino situado na parte ocidental da Península Ibérica, e cujo nome derivou do seu: Lusitânia. O termo *Lusíadas* – que significa povo de Luso – quer dizer, portanto, os portugueses.

A primeira edição de *Os Lusíadas* saiu em 1572 e o poeta dedicou a obra a El-Rei D. Sebastião. Camões recebeu a tença (pensão) anual de 15 mil réis, que lhe foi paga com irregularidade.

Os Lusíadas, que contam a saga da gente lusitana, constituem-se num dos grandes poemas épicos de todos os tempos, obra que, por si só, representa a literatura de um povo.

O autor é membro da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes (AILCA). Técnico Aposentado do Banco do Nordeste do Brasil (BNB). Licenciado em Letras Anglo-Germânicas pela Faculdade Católica de Filosofia (Agregada à Universidade Federal do Ceará). Tem curso de Pós-Graduação na Bayerische Julius-Maximilians – Universität Würzburg (Alemanha). É Professor Aposentado de Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira.

PAULO RONALTH PERES MELO

Acadêmico - Cadeira nº 36

A VOZ E O VENTO

Com o vento fazem-se a voz
e as palavras
que viajam e são
facas afiadas
ou plumas de algodão.

Vibração, transformação,
Calma, fogo na alma
insistente desejo
Persistente sonho
por sobre a pele morna,
tenra, límpida.

O brilho de
mil girassóis filtrando
teu rosto, teus seios e a bela
paisagem nua de teu ventre.

Com a voz e as palavras,
que faço?
Nestes dias intensos
em declive de gume de mil facas.

Voz e vento, ambos passam
mas as palavras, ah! as palavras ficam
facas afiadas
ou plumas de algodão?

Sei não!

MUCURIPE

Pedi ao Mucuripe, o farol
Não deixasse afundar navio
Na noite, no dia ou no frio
Que fosse luz no arrebol.

Pedi um pouco mais:
Pedi que iluminasse o ar
Pedi foram os seus sinais
Ao vento qu'irá chegar.
Para ao abrigo do cais,
Navio encontrar um lugar.

É o segundo farol,
Aviso à navegação.
No ponto onde nasce o Sol,
Não me deu resposta não.

Mas a o navio ancorou,
Como sinal de confiança,
Por entre os morros na barra,
Falou-me, sem me dizer nada:
Que devo ter esperança!

O ESPELHO

Quem me olha e é sempre bem
[mais velho do que eu?
Contudo, o meu rosto...
Torna-se cada vez menos estranho...
Deus! Deus! Acho que este é meu pai!
Meu pai que há pouco morreu!
Somos assim...
Duros, os meus olhos querem saber:
“O que foi feito de nós?!”
Vagarosamente concluo, face a face, a
[cada sulco na face.
Eu sou a ti idêntico,
Vagarosamente concluo, face a face, a
[cada sulco na face.
Aquela teimosia, sempre...
Nossos enganos, por fim, os mesmos.
Mas sei que o vi, um dia em mim
No espelho, face a face.
Vi-o sorrir, lágrimas nos olhos,
Sem o velho orgulho.
“O que foi feito de nós?!”

**RAIMUNDO RODRIGUES TORRES
(FREI AQUINO)**

Acadêmico - Cadeira nº 10

LINDA CASCATA

Linda cascata, eternamente bela,
que banhas a cidade do Ipu,
Até hoje não encontrei coisa igual,
És de fato a maior glória do Ipu.

Orgulho e glória do meu Ceará,
Sendo sua maior beleza imorredoura,
Ó linda Bica do Ipu!

Deus, orgulhoso do seu nobre feito,
Deu-te a Serra Grande como encosta.
Serra da Ibiapaba, tua água nunca acaba.

Tua história é linda como o céu,
Cheia de mistérios é o teu escarcel,
Serra Grande hoje e sempre
És verdadeiro corifeu.

O PÃO NOSSO

O pão nosso dai-nos hoje,
Cristo mesmo assim rezou,
Associando ao alimento
Que Deus na Terra deixou.

O pão é coisa sagrada,
Não pode ser “meu” nem “teu”,
O pão nos lembra a unidade
E “nosso” - fraternidade,
Jesus Cristo prometeu.

Por cinco vezes o Cristo
Nas suas mãos segurou
O mais sagrado dos dons,
Nos dando neste alimento
O mistério da fé e do amor.

Ó pão, és símbolo do Pai,
És corpo do Redentor,
És alimento do Corpo,
És das almas o viador.

Pão, que faltas na mesa
De tantos irmãos carentes,
Ensina a quem é rico
Repartir com sua gente.

RICARDO MARTINS ARAGÃO

Acadêmico - Cadeira nº 28

MEU DOCE TEMPO DE CRIANÇA

No meu tempo de criança,
Era grande a animação.
Um magote de *minino*,
Do pequeno ao grandão,
Não faltava brincadeira,
Conversando só besteira,
Aprontando *malinação*.

Das brincadeiras da época,
De todas me lembro bem.
Trinta e um ou esconder,
Da fedora lembro também.
Brincar de caiu-no-poço
Causava grande alvoroço
Quando se beijava alguém!

No nosso Sítio Lagoa,
Tinha-se muita aventura!

Tirava-se mel de abelha
Sem nenhuma armadura!
Ferroadas eram tantas,
Eu levei não sei nem quantas,
Mas valia pela fartura!

Ao chegarmos da escola,
Antes mesmo de almoçar,
O destino era o riacho
Pra brincar e se banhar.
E a danação não parava,
De tudo ali se brincava
Até a mamãe nos chamar.

“Passa pra casa menino,
Que o almoço tá servido.
Passa logo, tô chamando!
Deixa de ser maluvido!
Te alui e vem almoçar,
Pois depois vai estudar!”
Tava dado aquele aviso.

Depois de tanta aventura,
Com a fome a maltratar,
Aquela comida quentinha
Mais parecia um manjar!
Arroz com carne e feijão
Ou então um bom baião,
Água na boca ainda dá.

Um tempo maravilhoso,
Na minha infância passei!
E vida melhor no mundo,
Como adulto eu não terei.
Mas carrego na lembrança
O meu tempo de criança,
Que jamais esquecerei!

Esse tempo já passou.
Pois o tempo só avança!
Daqueles dias tão bons,
Período de esperança,
Só me resta a saudade
De tão doce mocidade...
Maravilhosas lembranças!

O autor é ipuense filho de ipuenses, neto de ipuenses, bisneto... membro da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes – AILCA, mantém o blog IPU EM CRÔNICAS E VERSOS (www.ipuemcronicas.blogspot.com) na Internet, onde procura, modestamente, ressaltar as coisas de Ipu e resgatar a Cultura Nordestina, principalmente através da Literatura de Cordel.

RESGATANDO MEMÓRIAS

Nestas próximas páginas, faremos um tributo ao nosso saudoso Antônio Tarcízio Aragão (Boris), com uma crônica de sua autoria, tratando sobre o desenvolvimento econômico de Ipu, sobretudo a partir do advento da agência do Banco do Brasil em nossa cidade.

TESTEMUNHA DO DESENVOLVIMENTO

Antônio Tarcízio Aragão (Boris)

A estrada de ferro de Sobral e a velha e surrada estação do Ipu, são, sem nenhuma dúvida, o marco preponderante do desenvolvimento econômico e social de nosso município. Contudo, para que houvesse maior mobilização e conseqüente incremento desse desenvolvimento, outros segmentos precisavam ser ativados. Surgia, então, a necessidade de crédito e de novas tecnologias para que se pudesse produzir tudo aquilo que tínhamos em potencial para atender às exigências

do mercado consumidor. No início do século XX, o sistema financeiro nacional, ainda muito precário, direcionava sua atenção principalmente para as regiões litorâneas portuárias, sul e sudeste, onde se concentravam as maiores indústrias do país.

Nossa Ipu, sedenta de progresso, desenvolveu em 1924, a criação do seu primeiro estabelecimento de crédito, a “Casa Bancária S.A.”, sociedade de acionistas que tinha como seu presidente o Dr. Francisco das Chagas Pinto da Silveira e como gerente, o Dr. Raimundo Justo Ribeiro. A Casa Bancária, que funcionava na Rua Coronel Félix (atualmente uma Pousada), deu lugar, em janeiro de 1929, ao Banco Rural de Ipu, cuja presidência continuou com o Dr. Chagas Pinto, que tinha como seu contador ou guarda-livros, como eram chamados, o Sr. Antônio Ribeiro Dias e como auxiliares os Srs. Pedro César Tavares e José Vitaliano Martins. Esses estabelecimentos realizavam modestas operações de crédito, compatíveis com seu porte e limitações, razão pela qual, os produtores rurais mais expressivos do município complementavam suas necessidades de crédito na cidade de Sobral.

Somente no início da segunda metade do século, o Ipu recebeu o grande, talvez, maior parceiro do seu desenvolvimento que foi a vinda de uma agência do Banco do Brasil, inaugurada em 19 de fevereiro de 1953, instalada na rua Padre Mororó (onde funcionou depois a Coletoria Federal), depois transferida para o prédio do “Mercado Novo” ou “Mercado da Carne e das Verduras”, adaptado para seu funcionamento

e depois de vários anos (1974/1975), demolido e construído um novo prédio existente até hoje.

Outro importante parceiro foi o Posto Agropecuário de Ipu, instalado no ano de 1952, órgão federal, vinculado ao Ministério da Agricultura, implantado numa área agrícola de 87.00ha, na localidade “Pereiros”, sob a direção do Eng^o. Agrônomo Dr. José Lourenço de Araújo Corrêa. O Posto Agropecuário funcionava como um centro de experimentos e pesquisas, de introdução de modernas tecnologias agrícolas, inclusive, métodos de mecanização, correção, conservação e adubação de solos, produção de sementes e capacitação de profissionais do ramo, etc. Tinha, paralelamente, tratores para alugar e uma usina de beneficiamento de café e arroz, a tradicional “Usina Dr. Kenneth Kadow”, que funcionava na rua dos Canudos (Av Auton Aragão), e que, com a falência do setor produtivo primário de nossa economia, deixou de existir, dando lugar até hoje, à agência da Receita Federal.

Naquela época, o Banco do Brasil era o principal agente financeiro do governo federal e tinha total anuência do tesouro nacional para gerir as políticas econômicas e financeiras, controladas através de suas carteiras especializadas: a CREAM - Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, era responsável por todo o crédito destinado ao setor rural e à indústria; a CACEX - Carteira de Comércio Exterior, controlava as exportações e a poderosa SUMOC - Superintendência da Moeda e do Crédito, que controlava o setor financeiro, inclusive taxas de juros, bem como o meio circulante nacional, inclusive, a

Casa da Moeda. Com todo esse poderio, o Banco necessitava de uma seleta equipe de técnicos e de funcionários especializados para realizar, com competência, todas as tarefas a ele confiadas. Exatos onze anos depois de instalada a agência do Banco do Brasil em Ipu eu fui aprovado em concurso, vindo assumir aqui minhas funções na Carteira de Crédito Agrícola e Industrial.

Aqui, servi ao Banco e através dele, ao meu povo, por vinte oito anos ininterruptos, até o dia de minha aposentadoria (31.03.1992). Considero-me, portanto, testemunha do desenvolvimento, não só de nosso município, mas também, de outros adjacentes, como, por exemplo, Varjota, Reriutaba, Guaraciaba do Norte, Ipueiras, Hidrolândia, Nova Russas e Poranga, que compunham a jurisdição de nossa agência. A todos eles foi dada, sem distinção, oportunidades de crescimento.

Quando voltei à minha terra para trabalhar no Banco, já alcancei o progresso em franco crescimento. A necessidade de funcionários era sempre crescente porque os negócios se avolumavam espantosamente. Posso até fazer um parâmetro com relação ao número de funcionários do Banco, pois quando a agência local foi inaugurada (1953) não eram mais do que seis servidores, quando assumi (1964), éramos, mais ou menos vinte, tendo chegado ao ápice no ano de 1975 (inauguração no novo prédio), quando o BB-Ipu contava com 54 bancários.

O Setor de operações de crédito da nova sede, que havia sido projetado para vinte anos de expansão, teve que ser

ampliado no ano seguinte à sua construção. Tudo isso mostra a força do crédito bem dirigido para o setor produtivo.

O nosso setor primário, nunca, em tempo algum, produziu tanto. Contratávamos anualmente, mais de duas mil operações de custeio da produção, aproximadamente a metade de créditos para investimentos e uma pequena parcela se destinava à nossa modesta indústria. O Banco operava através do maior e mais completo programa de crédito que já existiu no Brasil para o setor agropecuário, o PROTERRA, que, com juros subsidiados, cobria todas as necessidades do setor, desde o crédito fundiário, que financiava a compra e estruturação básica da terra, ao melhoramento genética dos rebanhos, a mecanização agrícola, disponibilizando aos produtores, empréstimos para compra de reprodutores e matrizes bovinas, máquinas diversas, tratores, caminhões e utilitários para escoamento da produção, além de toda e qualquer infra-estrutura rural, principalmente açudagem, perfuração de poços e equipamentos para irrigação, etc. etc. Administrávamos a Comissão de Financiamento da Produção-CFP, órgão federal que, além de garantir preços mínimos para a safra, comprava e financiava a produção. Para isso, contava com apoio de outra estatal, a Cibrazem (Companhia Brasileira de Armazenamento), que alugava todos os armazéns e depósitos localizados próximos da estrada de ferro em Ipu e nas cidades vizinhas, para armazenar a produção agrícola que a CFP comprava ou financiava durante a safra.

Armazenava-se de tudo! Milho, feijão, farinha, algodão em pluma, já beneficiado nas inúmeras usinas existentes na região, cera de carnaúba que era um produto nobre do

extrativismo regional tal como a oiticica e a mamona, produzidas em grande escala. O nosso principal produto, o algodão, era beneficiado nas indústrias locais e, não raro, exportado diretamente para países europeus através da agência local do BB que operava o processo de exportação. Até o próprio fumo em corda, hoje extinto, era financiado e representava parcela da nossa economia. Financiamento da produção era uma batalha sem fim, quando terminava o período de financiamento e compra, dava-se início ao remanejamento dos estoques para depósitos estratégicos que o Governo Federal mantinha como garantia de abastecimento em todo o País.

Toda essa movimentação era feita nos trens cargueiros em longas composições de vagões que não paravam e nem davam trégua aos funcionários da rede ferroviária, nem a nós bancários do setor, que acompanhávamos os embarques.

O setor pecuário também mobilizava os trens para transportar o gado de corte produzido na região, para abastecer a capital.

Enquanto isso, os trens de passageiros iam e vinham sempre lotados, quase sempre, com comerciantes que iam vender, outros fazer compras para repor seus estoques de mercadorias que também vinham de trem.

Com a criação do Banco Central do Brasil, o Banco do Brasil, aos poucos foi perdendo para o BACEN parte de suas funções, inclusive, o controle do setor financeiro além de outras prerrogativas como uma conta-movimento mantida pelo tesouro nacional para execução das políticas sociais do

governo. A partir daí o Banco Central, apesar de ter parte do seu quadro técnico provindo do BB, passou a ser administrado por banqueiros privados, ou por eles indicados (raposas cuidando de galinheiro), inimigos em potencial do Banco do Brasil. O BB começou a perder espaço para os bancos particulares que cresciam exageradamente em detrimento do temido concorrente.

Para não sucumbir, o Banco do Brasil, sempre ameaçado pela privatização, teve que se equiparar aos bancos privados e o fez com muita competência. Sobreviveu, passando, como os demais, a ter lucros e mais lucros, porém, quase nada mais podendo fazer em benefício do setor produtivo básico e da economia de pequenos municípios brasileiros.

Nossa agência, que em 1975 possuía 54 funcionários e mais de três mil operações de crédito, curiosamente e não obstante o advento da tecnologia, possui hoje um quadro de pessoal quase igual ao de 1953 e pouquíssimas operações, enquanto, como agente do Governo, juntamente com Caixa Econômica Federal, são os principais pagadores de benefícios da Previdência Oficial, que, se não o único, é o maior e principal recurso que hoje sustenta a economia dos municípios brasileiros, com raras exceções.

O crescimento da zona urbana de nossa cidade, tal qual deve ter ocorrido em outras cidades brasileiras, começou na época em que o Banco injetava dinheiro em nossa economia, principalmente no campo, que gerava excedentes e fortalecia o poder de consumo, estimulando conseqüentemente o comércio, a indústria, a construção civil, o setor de serviços e

outros afins. Esse crescimento atraiu para Ipu, gente de várias localidades, que pra cá veio em busca de melhores dias. Estabeleceram-se, constituíram famílias, desenvolvendo crescente miscigenação de raças, credos, culturas e costumes, entre os quais o de não cultivar o sentimento de afeto ao torrão natal.

Talvez por aí possamos entender a insensibilidade de muitos, quem sabe, até por ignorância, desprovidos de amor à terra e às nossas raízes culturais, agem como predadores dos poucos vestígios que sobraram para testemunhar nossa história.

Mas, a responsabilidade por todo esse complexo processo não é apenas das novas gerações que estão sendo formadas. A total omissão e o descaso dos governantes que se sucedem a cada quatro anos são a principal e avassaladora causa da destruição desse patrimônio. As escolas bem que podiam incluir nos seus currículos, educação cultural e ambiental, mas isto não lhes interessa porque, talvez, seja “oneroso”.

Devemos, unidos, agirmos para dar um basta nessa irresponsabilidade administrativa. Afinal de contas é a nossa maior riqueza que está sucumbindo, é a nossa história, a história dos nossos antepassados, da nossa cidade e da nossa gente.

Tantas outras cidades conseguem compatibilizar progresso com história, por que Ipu, não consegue também? Por que teus filhos escolhem representantes indignos? Por que nos acovardamos e ficamos calados? Isso precisa mudar urgentemente, antes que seja tarde demais!

Antônio Tarcízio Aragão (Boris) nasceu no Ipu em 07/11/1940. Trabalhou por 28 anos ininterruptos na agência do Banco do Brasil de sua terra natal, onde se aposentou, intensificando sua atenção à atividade agro-pastoril, que o levou, por duas vezes, a assumir a Secretaria Municipal de Agricultura de Ipu. Nas letras, publicou diversas crônicas em jornais e páginas eletrônicas de Ipu. Em janeiro de 2009, foi convidado para a Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes – AILCA, ocupando a cadeira n^o 28 por pouco tempo, pois faleceu em abril daquele ano, vitimado pelo câncer, tornando-se efetivamente um imortal da AILCA.

SEBASTIÃO VALDEMIR MOURÃO

Acadêmico Fundador - Cadeira nº 2

MULHER POSTIÇA

seus cabelos denunciam feminilidade
perante um gesto de paquera e conquista.

meu olhar, traído pelos seus olhos cintilantes
como as pérolas dos brilhantes,
caros, raros, sedutores e fascinantes;
penetrante, como meu pedaço errante e animado
em busca do sexo da amante!....

meus meios entre os seios rijos,
na medida exata dos desejos;
macios, no toque mágico dos afagos;
suculentos, no arrepio doce dos lábios;
acolhedores, no descanso do cansaço do amor!...

seu bumbum arrebitado e vigoroso
me provoca, todo audacioso,
pra momentos de prazer e de amor gostoso;
e, ante o meu pedaço duro

entre as carnes traseiras,
esqueço de todas asneiras
feitas, vividas e sentidas nas dianteiras!...

depois, todavia, os olhos, os cabelos,
as formas, os seios, que seus não são,
nada mais disso me ouriça,
porque o tempo do silicone
traz à face
o disfarce da mulher postiça.

.....

O autor é Professor universitário, radialista, jornalista acejiano, licenciado em Letras pela UFC; pós-graduado, Lato Sensu, em Língua Portuguesa pela UECE e Mestre em Letras / Linguística pela UFSC.

É membro do GELNE (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste); do IP (Instituto de Pesquisas Linguísticas PUC/SP); da Associação Brasileira de Linguística; do GT de Psicolinguística da Região Sul; da Academia Eldoradense de Letras e Casa de Francisca Júlia de São Paulo; da Academia Brasileira de Poesia (Petropolitana de Poesia Raul de Leoni), Rio de Janeiro; Mestred'Obras da Ceia Literária da qual foi fundador e idealizador; fundador e coordenador do jornal CONSTRUÇÃO, FOLHA DA CEIA e da revista CEIA LITERÁRIA. Fundador e diretor do Colégio Silva Mourão. Ocupa a cadeira n°19 da Academia Cearense de Língua Portuguesa, a cadeira n° 2 da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes da qual foi

presidente e é membro da Associação Cearense de Jornalistas do Interior (ACEJI).

Figura em várias antologias, revistas e organizou algumas delas, dentre elas oito Ceias Literárias, Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa nº 10 de 2002 e Revista Acadêmica 1 e 2 da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes; livro dos patronos da AILCA. Figura na Enciclopédia de Literatura Brasileira de Afrânio Coutinho e no Dicionário da Literatura Cearense de Raimundo Girão e Maria da Conceição Sousa.

Autor das seguintes obras: 1. Águas brancas (poesias); 2. Idéias (prosa e verso); 3. As proibidas (ideias); 4. E agora, Brasil? (poesias); 5. Poesias pra quem ama; 6. Relembrando exercícios de português; 7. O pão que o táxi amassou (contos); 8. Português do dia-a-dia; 9. Redação Prática (em cinco edições), passando a Praticando Redação na sexta edição e já no prelo a oitava edição.

**ACADÊMICOS
CORRESPONDENTES**

ADRIANO AUGUSTO DA COSTA FILHO

Acadêmico Correspondente – São Paulo

IPU UM CANTEIRO DO UNIVERSO

Eu agora já vi a Ipu
Terra da linda Malu.
Vi os jardins encantados
Por Deus abençoados !

Do Brasil um pedacinho,
Da Malu o seu cantinho.
No PPS não saiu
Mas, agora o Brasil viu !

Esse lugar encantado,
No paraíso foi bordado.
Quem vive nesse pedaço
Envio o meu forte abraço !

Eu nasci aqui em São Paulo,
No pensamento vou num pulo
A essa Terra tão lida
De uma saudade infinda!

Ali nasceu uma estrela,
Uma poeta tão bela.
A Malu em suas orações
Envia poesias em canções !

A Ipu Terra tão varonil,
Desse nosso lindo Brasil.
Se eu pudesse lá chegar
A todos iria abraçar !

Se do céu é um pedacinho,
Eu digo neste cantinho.
Já do universo inteiro
Ipu é um grande canteiro !

Ipu Terra tão linda
De beleza tão infinda.
Dos jardins e da capela
Será a Terra sempre bela !

A poeta dos sertões,
Que transmite aos corações.
A Malu sempre adorável
A Ipu é uma Terra invejável!

A PALAVRA SAUDADE !!!

A triste palavra saudade.
E quem na realidade a inspirou.
Quanto sentiu-a de verdade
Nesse instante ele chorou !

A saudade é palavra linda,
Com muita ternura e dor.
Ela é triste, mas é ainda
Lembrança do primeiro amor !

No rol das palavras lusas,
É rainha de todas musas.
É uma palavra santa
Ela encanta e desencanta !

Saudade uma palavra amada,
Que língua lusa é achada.
Quem a canta é um trovador
Em suas canções de amor !

Saudade na hora da despedida,
Quando um amor está de partida.
Nunca ela ficará ausente
E no coração estará presente !

Levarei para a eternidade,
Dos tempos da minha idade.
Quando estarei em soledade
Com o louvor de toda saudade !

SAUDADES DO PASSADO CELTA !

Saudades de nosso passado,
De um tempo perdido, mas achado.
De eras incríveis milenares,
De um tempo cheio de olores!

Milhares de anos já passaram,
E deles muitos seres lembraram.
Os Celtas povo heroico majestoso,
Estão em nosso cerne maravilhoso !

Gerações e gerações desapareceram,
Mas, dos Celtas as atuais não esqueceram.
Povo heroico, inteligente e maravilhoso,
Falar a palavra Celta é muito gostoso !

Ensinaram as povoações lusitanas,
Com carinho e respeito sobrehumanas !
Somos na transmissão eternas dos corpos,
Pedacos desse povo heroico e escrupulosos !

Seu ditado era uma mensagem eterna,
Gravado como um ovo no centro de uma gema.
Viverás “Cem anos com mais uma para arrepende-te.
Mas, morrerás para sempre se Deus não conhecer-te”!
Dos Celtas somos pedacos de seu sangue,
E de gerações eternas não exangue.
Milhares de anos ainda irão passar,
E desse povo temos o cerne para amar!

Atividades Culturais

O autor é membro da “Casa do Poeta “ Lampião de Gás” de São Paulo.(Vice-Presidente).

Idem do Movimento Poético Nacional (2o.Vice-Presidente).

Idem da Academia Virtual Sala dos Poetas e Escritores.(AVSPE).

Idem da Academia Poços/Caldense de Letras- M.G.

Idem da Academia Ipuense de Letras,Ciências e Artes/Ceará

Idem da Ordem Nacional dos Escritores do Brasil.Idem da Associação Portuguesa de Poetas-Lisboa-Portugal.Delegado/Coordenador da A.Portuguesa de Poetas no Brasil

Colunista do Jornal” Mundo Lusitana”de S.P. (Opinião Luso-Descendente).

Colunista da Revista “ Almocreve” de Trás-os-Montes/Portugal.

Diretor de Redação do Jornal “ A Voz da Poesia” do Movimento Poético Nacional.

Diretor de Redação da Revista “ A Voz da Poesia” do Movimento Poético Nacional.

Diretor de Redação do “Boletim Informativo Mensal” do Movimento Poético Nacional.

Sócio da “Associação Paulista de Imprensa.” (A.P.I.).

Idem da Casa de Portugal de São Paulo.

Idem da Beneficência Portuguesa de São Paulo

Livros Editados

O Mundo Perdido das Ilusões; Mundos Paralelos; Trilogia dos Mundos; O Amanhã Nunca Chegará; Verdades Submersas no Tempo; A Visão do Universo e o Quinto Elemento; Diário de Uma Saudade e Nunca Mais... Nunca Mais...

Diretor Administrativo da Federação Paulista de Tênis.

Honra Meritória da Soberana Ordem Internacional do Mérito Desportivo.

Ex-Vice-Presidente da Federação Paulista de Tênis.

Ex-Presidente do Conselho Fiscal da Federação Paulista de Tênis.

Conselheiro Vitalício do São Paulo F.C.

Ex-Presidente do Conselho Fiscal do São Paulo.F.C.

Honra Meritória na Galeria dos Ex-Presidentes do São Paulo F.C.

ANTÔNIO EDMILSON DE SOUSA LOPES

(EDMILSON PROVIDÊNCIA)

Acadêmico Correspondente – Crateús–CE

ELEIÇÕES 2008

- Meu amigo eleitor
Bom dia como é que ta
Sua família vai bem?
Bonito o seu lugar
Vim aqui quero saber
Já tem em quem votar?

- Lhe digo o seguinte
Meu caro companheiro
Você não é o último
E nem será o primeiro
Mas nesta eleição
Só voto por dinheiro

- Defendo a educação
Estrada pra se andar
Melhoria na saúde

A segurança deste lugar
Por isso caro eleitor
Seu voto não vou comprar

- Deste jeito vai rodar
Com certeza pode crer
O povo ta acostumado
A assim proceder
Se não quiser comprar
A outro eu vou vender

- Amigo pense bem
Reflita na decisão
Seu futuro ta em jogo
E toda nossa região
O homem que vende o voto
Não vale nenhum tostão

Eu tô lá preocupado
Desculpe se lhe ofendi
Aqui não fizeram nada
Progresso eu nunca vi
E na eleição passada
Meu voto também vendi.

- Esta triste realidade
Agora ta explicado
Falta emprego moradia
E esgoto saneado
O político não lhe deve
Pois seu voto foi comprado.

- Dizem que o eleitor
É bobão e alienado
Se engana direitinho
Quem assim tenha pensado
E se o político for corrupto?
O povo ta é ferrado.

Erro não conserta erro
Assim diz o ditado
Comprar voto, vender voto
Nenhum é acertado
Tudo vai dar cadeia
E regime fechado.

O voto não tem preço
E sim muita conseqüência
O que o político fala
Não é o que o eleitor pensa
Assim vê o poeta
Edmilson Providência.

SETANEJO, OH! XENTE

Sou sertanejo oh xente
Sou da terra quente
Mas sou da paz
Onde o sol brilha o ano inteiro
Balançando o juazeiro
No vento que vem e que vai
Nossa terra garoa
E também não tem geada
O forró é a toada
Com tempero de baião
Terra boa, abençoada produtiva
Onde canta o patativa
Bentivi e o azulão

Paletó de linho branco
Ta difícil de fazer
Pois a peste do bicudo
Não deixa o algodão crescer
Mas a natureza entra em cena
Resolve logo o problema
E faz a vida florescer

Se falta a chuva
O açude vai secar
Mas a fonte do saber
Jamais irá faltar
Pois ta sempre cheio
O coração do nordestino
De amor de carinho
E de cultura popular.

FRANCISCO ALBERY NOGUEIRA NUNES

Acadêmico Correspondente – Tianguá – CE

SAUDADES DO MONSENHOR TIBÚRCIO GONÇALVES DE PAULA

*A opinião pública o consagrou como o mais
querido e respeitável cidadão.*

Eterno benfeitor, patrimônio cultural da cidade.

Setenta anos de excelência, com grandes realizações.

Admirável vida pastoral: amor, vocação, simplicidade.

Espirituoso, digno, conselheiro, amado por todas as gerações.

A família tianguaense lhe tem veneração.

Homem de bem, sensível, príncipe da serenidade.

Da vida e do seminário herdou a espiritualidade, a educação.

Personalidade irradiante, cultura geral, exemplo de
honestidade.

Humanista, atualizado, otimista, rei da decência.

Construtor de Igrejas e de escolas, de larga experiência.

Ser humano diferenciado, de majestosa grandeza.

Saudades de seu bom humor, de sua sinceridade.

Saudades de sua notável lucidez de pensamento.

Sua memória é sempre lembrada com admiração.

TRIBUTO À SERRA DA IBIAPABA

A Serra majestosa: a Serra!

A mente vagueia na imensidão do verde, da história.

A brisa suave, essência da canção do vento, conforta.

A luz do sol se expande radiosa nas matas...

O horizonte desponta, irmanado com o infinito...

Vida entre as delícias da natureza.

O murmúrio das águas dos rios, dos córregos e riachos;
emociona.

Em sintonia com os cantos dos pássaros.

Flores e jardins na estrada e nos caminhos da serra.

Penetra o vento, as matas em movimento...

Dos altos céus azuis, das serranias, das palmeiras; o encanto.

Oásis em forma de serra...cenário deslumbrante.

O aroma do amanhecer, único e angelical.

Nuances da história; Clóvis Beviláqua e Gen. Tibúrcio,
na memória.

Corre o tempo, os anos; esplendor, realizações.

Serra mágica, vibrante, dádiva de Deus!

A beleza em toda parte; deslumbra...
Um colírio, um bálsamo, um poema...
A serra é uma obra prima de Deus!
As cachoeiras e cascatas perfumam a terra.
Os dias frios convidam a viver. Neblina...
Os espaços da história, refletem:
O refinamento cultural de Viçosa do Ceará;
A Suíça cearense; os festivais de música.

O turismo e as artes de Ubajara;
Tianguá, orquídea da serra: o aconchegante sítio do Bosco;
Mons. Tibúrcio no coração;
Os ecos centenários e os magistrados de Ibiapina;
O orgulho dos conterrâneos de Farias Brito;
São Benedito! Terra das flores;
Os campos verdejantes e o povo guerreiro
de Guaraciaba do Norte.

Ao pé da Serra, a cidade de Ipu: de filhos ilustres e
da cascata de Iracema, cantada por
José de Alencar, no romance Iracema.

ILDA MARIA COSTA BRASIL

Acadêmica Correspondente – Porto Alegre – RS

SEGUNDA FEIRA FRIA E SURPREENDENTE

Durante um período de literatura, enquanto explicava a 3ª Fase Modernista, Elle pediu-me para atender ao telefone, dizendo:

- Prof. Fernando está me ligando. Posso falar com ele?

Respondi-lhe que sim, pois estava preocupada com a ausência do menino. De repente, ouvi dizer:

- Não, o Fernando não veio.

A pessoa que falava com Elle, falou que queria avisá-lo que ele havia esquecido o celular em casa.

- Não veio. Como?

Preocupada, perguntou-lhe se não sabia onde Fernando poderia estar, pois havia saído de casa, antes das sete horas.

Marcelo, um colega da turma, explicou que ele costumava ficar dormindo nas escadas ou no estacionamento do condomínio até os pais saírem para o trabalho. Depois, subia e ia dormir tranquilo em seu quarto.

A empregada, ouvindo o relato, desligou o telefone e foi procurá-lo. Minutos depois, voltou a telefonar para Elle, informando-lhe que o havia procurando no prédio e nada.

Nisso, retorna à sala de aula, Paulo que nos avisa estar Fernando sentado no bar da escola.

Toca o sinal, Fernando pede licença e entra rindo.

A turma em coro:

- Sora, o seu queridinho não é nenhuma flor!

UMA INTERESSANTE VISITA

Numa manhã de domingo, enquanto assistia a um documentário na TV, fui surpreendida com uma inesperada visita. Meu “hóspede” entrou com charme e elegância. Após, breve revoada pela sala de estar, pousou no Troféu Carlos Drummond de Andrade, o qual recebi, em noite de gala, em 04 de agosto de 2012, em Itabira/MG.

Moro no condomínio Terra Nova Nature. Meu apartamento fica de frente para a mata. Na ocasião, eu não soube identificá-lo. Acreditava ser um João de Barro. Após pesquisas, descobri tratar-se de um sabiá laranjeira.

Suas visitas são frequentes, e o ponto de pouso, sempre o mesmo, a careca do Carlos Drummond.

FAÇANHA DE UM BEIJA-FLOR

Em 30 de dezembro, quando tomei posse na Representação Distrital do Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, recebi dois vasos de orquídeas naturais: uma branca e a outra lilás. Belíssimas!

Na véspera de Natal, ganhei um arranjo artificial de orquídeas. Maravilhoso! Deixei-os na sala de estar. Dois beija-flores, que também costumam frequentar o meu apartamento, entraram e dirigiram-se às orquídeas naturais, onde permaneceram por longo tempo.

Logo depois, um deles dirigiu-se às orquídeas artificiais. Bicou o miolo de uma das flores e, por segundos, ficou imóvel. Após, afastou-se rapidamente. Pareceu-me irritado. Bicou o companheiro como se lhe quisesse dizer algo.

Ignorando a minha presença, aproximaram-se das orquídeas artificiais e saíram em revoada. O esvoaçar contínuo transpassa-me energia e vigor, assim como o tom metálico da plumagem e a capacidade de pairar no ar encantam-me.

.....

A autora nasceu em 04 de março de 1949, em Restinga Sêca/RS. Reside em Porto Alegre/RS. Filha de Adelino Alves da Costa e Maria-Jesus Barrios da Costa. Formada em Letras: Português-Inglês, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição, de Santa Maria/RS; Letras: Português e Literatura Brasileira, na Universidade do Vale dos Sinos de São Leopoldo/RS; Pós-Graduada em Recursos Humanos para Administração e Supervisão de Escolas, na PUC-RS. Membro Efetivo da Academia de Artes, Ciências e Letras Condorcet Aranha, Restinga Sêca/RS; Academia de Letras e Artes Sepeense/RS; Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, Porto Alegre/RS; Academia Virtual Sala de Poetas e Escritores, Camboriú/SC; Clube dos Escritores de Piracicaba/SP; Teia dos Amigos, Sorocaba/SP; Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias/RJ; Academia de Letras Rio-Cidade Maravilhosa/RJ; Academia

*de Letras de Teófilo Otoni/MG; Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil; e Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas, Mariana/MG; Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes; Academia de Letras e Artes de Fortaleza/CE; Academia Cachoeirense de Letras/ES; Academia de Letras do Brasil – Seccional/Suíça; Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais - Rio Grande do Sul; União Brasileira de Escritores do Rio Grande do Sul; Centro Hispanoamericano de Artes y Letras, Montevideo/Uruguay; Liga dos Amigos do Portal CEN, Praia Grande/Portugal; Os Confrades da Poesia, Amora/Portugal; Portal Biblioteca Virtual Escritores Contemporâneos, Leiria/Portugal; Accademia Internazionale Il Convivio, Castiglione di Sicilia/Italia; Societe Academique d'Education et d'Encouragement, Paris/França; Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture, Paris/France; **Cercle Universel des Ambassadeurs de la Paix, Genève-Suisse/France**; Associação Internacional dos Poetas del Mundo; Centro Hispanoamericano de Artes y Letras – CHADAYL, Montevideo/Uruguay.*

JOSÉ LUIZ ZANZINI
(Poeta Zezinho)

Acadêmico Correspondente – São Paulo – SP

A GRANDEZA DO SER

Magnitude altruística expansiva.
Ponderando o existencial nas conquistas.
Filosofia de vida que eterniza.
Gralhando no tempo do analista.

Renúncias que desequilibra paixões.
No enlouquecer do ciúme dos varões.
Desespero de sonhos que transcende.
Razão de uma ciência que expande.

Elevação de ideais na religião da verdade.
Castiga o tempo presente da caridade.
Sumindo a paz, no buraco negro da cidade.
Esforço da fé dentro da fraternidade.

Sorria coração louco e desvairado.
Que sua ciência seja o incógnito investigado.
Não abandone sua indiferença analítica.
Vais ao sensualismo orgulhoso que acredita.

Essa grandeza do ser que se sacrifica.
Engrandecendo no bico da caneta o artista.
Construindo um mundo que dignifica.
Na esperança da simpatia que pacifica.

Desgovernado caminha o ciúmes egoísta.
Deixando o amor na penumbra embriaguista.
Vaidades que enlouquece e tira a calma.
No ódio que envenena o corpo e destrói a alma.

.....

O autor é Jornalista, Escritor, Poeta, Filósofo, Pós-Graduado em Sociologiae, Gestão Ambiental, é Gestor de Serviços Públicos, Administrador e Teólogo. Nasceu na Cidade de Mineiros do Tietê-SP (1954). Membro da ONE - "Ordem Nacional dos Escritores", API - "Associação Paulista de Imprensa", MPN - "Movimento Poético Nacional", "Casa do Poeta Lampião de Gás", "Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes", APP - "Associação Portuguesa de Poetas/Lisboa - Brasil". Dezenas de Antologias editadas, centenas de poemas e poesias publicadas em Jornais, Revistas, Web, dezenas de matérias em Revistas Especializadas e em Jornais de grande Circulação. Voluntário no segmento de pessoas com deficiência, idosos, e crianças em risco de rua. Defensor da Educação Ambiental nas escolas, da sustentabilidade e responsabilidade social.

**MARIA DE LOURDES ARAGÃO CATUNDA
(DALINHA CATUNDA)**

Acadêmica Correspondente – Rio de Janeiro – RJ

IPU TINHA

Ipu tinha tantas coisas,
Que hoje não vejo mais
Os banhos lá no gangão
Que eu achava bom demais
Ipu taria melhor
Se não fossem os meus ais.

Ipu tinha o trem de ferro,
Só restou a estação.
Ipu tinha com certeza
O famoso paredão
Ipu taria melhor
Mantendo a preservação.

Ipu tinha uma bica
Escorrendo fartamente.
Ninguém captava as águas

Obstruindo a corrente,
Ipu taria melhor,
Sendo a bica permanente.

Ipu tinha muito mais
Disse-me Chico Cordeiro,
No tempo da lamparina,
No tempo do candeeiro,
Ipu taria melhor
Com a índia no chuveiro.

Mas Ipu tinha alegria,
Disse Ricardo Aragão
Falando da meninice
Daqueles tempos de então
Ipu taria melhor
Nos trilhos da tradição

Ipu tinha com certeza,
E terá meu coração.
Nas águas desta cidade
Banhei-me de emoção.
Ipu taria melhor,
Se eu tivesse nesse chão.

A autora tem suas obras assinadas como Dalinha Catunda. Dalinha nasceu na cidade de Ipueiras/CE em 28 de outubro de 1952, filha do casal Espedito Catunda de Pinho e Maria Neuza Aragão Catunda.

Dalinha, além de escrever poesias, contos e crônicas, tem uma paixão especial pela cultura popular. Paixão essa que lhe rendeu uma cadeira na ABLC - Academia Brasileira de Literatura de Cordel, onde ocupa a cadeira nº 25, que tem como patrono o poeta Juvenal Galeno.

Com trabalhos publicados em jornais de grande circulação no Estado do Ceará como Diário do Nordeste e O Povo, Dalinha segue sua trajetória transformando sentimentos em prosas e versos.

Dalinha Catunda mantém o blog Cantinho da Dalinha, onde publica seus versos. Acesse: www.cantinhodadalinha.blogspot.com

WILSON DE OLIVEIRA JASA

Acadêmico Correspondente – São Paulo – SP

AMADA MINHA

Em teu corpo sensual tens o perfume,
da mais sensível flor, rosa de amor;
mas mesmo nos meus braços tens queixume,
querendo para ti bem mais calor.

Voas em sonho pra mim, qual vaga-lume,
iluminando a noite com fulgor;
és minha doce amada com teu lume,
que é meu nume em momento abrasador.

Inspiradora musa da poesia,
que transporta meu ser na fantasia,
fazendo-me viver o amor paixão.

És tu, amada minha e companheira,
minha mulher e amiga verdadeira,
quem aquece ninh'alma e coração.

BEIJO

Se queres que te beije, beijo agora,
um beijo apaixonado e com fervor;
que importa se está quente ou frio lá fora,
pra mim mais importante é nosso amor.

A chama que no peito agora aflora,
é chama com carinho inspirador;
o beijo pra ser dado não tem hora,
e beijo muito mais que o beija-flor.

Beijo teu coração pelos teus lábios,
são beijos com magia, beijos sábios,
e vou beijar-te sempre por te amar.

O beijo que te dou também te acalma,
e em devaneio até beijo tua alma,
pois vivo com amor sempre a beijar...

.....
O autor nasceu em São Paulo - SP - Brasil a 12 de Setembro de 1954. Poeta, Jornalista, Terapeuta Holístico, Ecologista, Folclorista e Historiador. Presidente das entidades: Casa do Poeta "Lampião de Gás" de São Paulo; Casa do Poeta Maçom do Brasil; Casa do Poeta Brasileiro de São Paulo; Movimento Poético em São Paulo; Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas do Folclore; Sociedade Mundial dos

Poetas. Membro das Academias: Academia Maçônica Internacional de Letras; Academia Paulistana Maçônica de Letras; Academia Brasileira Maçônica de Letras; Academia Goianiense de Letras; Academia de Letras Rio Cidade Maravilhosa; Academie Europeenne des Arts, Sciences et des Lettres (França). Membro da Associação Portuguesa de Poetas, Lisboa, Portugal. Recebeu prêmios nacionais e Internacionais; Príncipe dos Poetas Paulistanos; Príncipe dos Poetas Maçons do Estado de São Paulo; Príncipe dos Sonetistas do Brasil. wilsonjasa@gmail.com

CONVIDADOS

ARTÊNIO SOUSA

ELO

Estamos longe na distância,
mas perto em pensamentos.
Você me quer e eu te quero,
não joguemos nosso amor ao vento.

Comigo tu ficarás,
contigo eu ficarei.
Toda minha tu serás,
Todo teu eu serei.

Meus olhos brilham
quando te ver.
O que eu sinto por ti,
toma conta do meu ser.

Ficar contigo, tenho vontade,
preenche o vazio que tem em mim,
Vem ser minha outra metade,
vem ser o meu viver.

IPU

Ipu, és bonita por natureza,
Encanta eu, encanta outros
com a tua beleza.

Tua serra é muito rica,
lá nasce o Ipuçaba
formando a encantadora bica.

Observo o teu sertão,
Ficas verde no inverno
e amarelo no verão.

JOSÉ MARIA BONFIM

O TRIUNFO DO AMOR

Rosa Ferreira de Morais, última filha de Conceição Ferreira de Morais e José Olímpio de Morais, contempla, serena o umbral de seu centenário. Como no romance de Leandro Dupré “Éramos Seis”, Rosa viu todos os seus irmãos se despedirem da vida. Como no épico de Geraldo de Melo Mourão, Os peões, “iam caindo à esquerda e à direita iam caindo”, todos se foram. Rosa hoje é o último bastião dos Morais, fincada ainda no vestuto casarão, cheio de memórias e saudades. Lá está ela solitária e luminosa, como um archote iluminando a todos que a ela procuram. Rosa vai no inverso da longevidade, sobrepeso, diabética, hipertensa e sedentária, é ainda rebelde aos médicos e as suas recomendações.

Rosa surpreende pela inteligência, pela memória aguçada, pela simplicidade e sobretudo pela perseverança. Já professora, quando retornou aos bancos escolares para concluir o curso normal. E fez com muita competência. Determinada, distante, nas lonjuras cáusticas dos sertões de Crateús, foi talhando o seu fantástico caminho. Na simplicidade de sua escola pública primária, onde pagava para ensinar, era qual Camões, uma inovadora da maneira de ensinar. Uma mestra plena. A escola pulava dos cadernos e levava os alunos para o teatro, para os auditórios de danças, para as cantigas de roda.

Levava os meninos para a rua. Regis Jucá dizia que pouca gente se lembra de sua primeira professora primária. Pouca gente se lembra de sua escola, onde se começava a balbuciar as primeiras sílabas. Esta força simples, mas ela é extremamente preciosa, se apaga rápido demais.

Foi mais além dos cadernos e das operações matemáticas, partiu em direção ao belo. Mãos divinas. Pincel primoroso. Tintas que falam. Cores que rezam, fez nas telas a história da vida do cidadão. Se Luiz Gonzaga versejou no seu canto, o chão cáustico, a fome, a seca, a dor, as nuvens negras a cobrir de sofrer o homem do sertão, Rosa fez o mesmo nos seus quadros que falam e que deslumbram, os mais exigentes no campo das artes.

Rosa hoje é a referência da cidade. Crateús tem catedral, tem praças e avenidas, tem teatro e igrejas, tem colégios e faculdades, mas tem o seu bem intangível que é Rosa Morais. O grande escritor Juarez Leitão, diz que Rosa vive o paraíso na terra. De fato o grande orador tem razão, e teologicamente o paraíso se inicia aqui na terra, principalmente quem navega com tanta beleza como a nossa centenária. A sua vitória, o seu sucesso tem uma resposta: Rosa é um relicário de amor. Amor é serviço. Amor é mais estendida. Amor é compaixão. Amor é aprisco. Rosa com pureza e tenacidade tudo aquilo que faz. Na escola, na Igreja, nas artes, na comunidade e na família, Rosa é esta inquietação de amor e paz. Nat King Cole tem uma velha canção que fala de uma rosa que não para, uma rosa inquieta, ou Ramblin Rose. Uma rosa que não se sossega. Uma

rosa que carrega um verdadeiro amor para ofertar o outro. True Love, heaven Know, o verdadeiro amor o paraíso sabe. Quem trabalha com amor não se cansa. O amor que S. Paulo em Coríntios, prega: o amor é paciente, tudo suporta, tudo espera e tudo crer. Deus fez que suas todas qualidades de amor, de inteligência, verdade, de generosidade se tornassem infinitas. É neste crescimento que vamos nos avizinando de nossa alma. Ao recebê-la centenária graulia elucidada, recebemos todos estes atributos que adornam a sua vida. Que a fazem uma criatura amada e querida por Deus. Muitas vezes o bem que ela faz, parece ser inexpressivo. Não é fácil fazer o bem. Deepak Chopra diz que é tão divinal ser bom que uma pessoa pode acabar desistindo. Mas que tem fé profunda como nossa Rosa, segue semeando o bem. Não importa se lhe custa. Não importa se é ouvida. Importa é o seu amor para com os outros. Importa o seu serviço pela dignidade do outro. Importa sua inquietadora vida de profeta, de esculpir, de embelezar e de aconchegar o outro no berço divino de Deus. Pois é este o centenário de amor que Rosa ilumina. Uma rosa vive somente um dia. Mas desde o rocío ao poente do sol, quantas coisas a rosa faz. Está nos braços dos amantes, está nos altares, está nas festas, está nas coroas de cabeças preciosas e belas, está nas escolas, embeleza as praças, está nos cemitérios. Tudo isto faz em apenas um dia.

A nossa Rosa todos os dias, renasce. Com esta energia inesgotável de amor. Um amor é uma força cósmica. O amor é uma avalanche. Muitas pessoas falam de amor. Outras se

vestem de amor. Rosa Moraes vive cada dia a dimensão simples mas sincera do amor.

Nesta data tão generosa de Deus, nossos olhos vão para Ele, que nos contemplou com tanta generosidade esta maravilha. Esta pessoa humana que atravessou cem anos sendo sementeira de amor para todos os seus amigos e para toda esta nossa querida cidade de Crateús.

.....

O autor é membro da Academia Americana de Cardiologia.

MARIA ITANIRA ARAÚJO SOARES

À MERCÊ DO TEMPO

Sou vento atento,
Presente,
Fluente,
Na bonança e nos redemoinhos,
Faço ninhos.
Estou na sombra e no sol
Em todos os momentos,
Sou arrebol.
Em todas as direções, voltas
E revoltas,
Remexo corações.
Nas retas e paralelas
Corro entre elas.
Nas preferenciais sem obediência trafego
E não nego.
Nas contramãos com disciplina vigio
Sem deixar vestígios.
Vou estar sempre, jamais fui,
Nunca serei, Sou!
Vento atento,
Presente,
Fluente
À mercê do tempo.

AMOR À PRIMEIRA VISTA

Amei a lua e ela trouxe-me o luar
Amei o luar e ele fez-me seresteira
Amei o mar e ele levou-me de rasteira
 Para um porto seguro ficar
Amei o céu e ele de estrelas me enfeitou
Amei o mundo e ele encheu-me de paz
Amei VOCÊ e ofereceste-me AMOR capaz
 De tudo amar. E tudo me encantou!
Amei a música e ela trouxe-me o canto
 Amei o sol e ele fez-me rainha
 Coberta de todo encanto
 Como uma fada madrinha.
 Abracei-me e sorri
 Era um toque suave e ameno
 Deus ungindo a minha alma serena
 Batismo de fé, confirmação de luz
Beijos beijados nos espelhos da minha alma
 Beijos de lua. Beijos de luar
 Beijos de estrelas, beijos de mar
 Beijos de paz, beijos de amor
 Beijos de você.

MARIA TAUMATURGO FARIAS DIAS
(ZEQUINHA)

HOMENAGEM À SINHAZITA

À Sinhazita dirijo estes versos
Como prova de amor e gratidão
E por merecer desta mana querida
Tanto carinho e atenção.

Como acontece ao verdadeiro cristão
Com altivez vivenciou provação
Acumulando grandes virtudes
Em seu imenso coração.

E no oceano do tempo
Sinhazita buscou fortaleza
Na fé, no coração de Jesus
No caminho do bem, com firmeza.

Encantou tanta gente
Em sua doce adolescência
Com sua beleza e simpatia
E acentuada inteligência.

Ainda cursando o normal
A convite da Irmã Nogueira

Lecionou no curso primário
Mostrando ser uma guerreira.

Católica, fervorosa e praticante
Evangeliza o pobre, o carente
Ora levando o alimento
Ora ofertando um presente.

Sinhazita é por todos amada
Humana e carinhosa
Preside uma pastoral
De maneira honrosa..

Estende a mão ao carente
Vê Cristo no irmão
Confortando a todos
Com palavras e oração.

“Parabéns irmã querida pelo seu aniversário!

ipu, 15 de abril de 2013

E como diz o Padre Emanuel, Sacerdote Jesuíta:

“Quem não sai de si mesmo dificilmente encontra o amor.”

.....
A autora nasceu em Crateús, mas se considera ipuense, Filha de Luiz de Araújo Farias e Francisca Taumaturgo Farias. Fez o curso normal no Patronato Sousa Carvalho e durante 25 anos exerceu o magistério no Colégio Auton Aragoão. Casada há 54 anos com José Taumaturgo Dias, constituiu uma família de 4 filhos (Célia, Irma, e os gêmeos Márcio e Marcos) e 6 netos.

PAULO MARTINS MELO

VOLTA AO PASSADO

Não muito distante, quando ainda era criança, vivia tranquilo no meu mundo, lá no sopé da Serra da Ibiapaba, brincando com meus amigos no campinho existente no Quadro. Também recorro a Da. Maria Ivone, do Monsenhor Gonçalo, o santo do Ipu. Da. Maria Ribeiro, Raimundo Lapinha, quem não se lembra... Da. Gracinha, Seu Odulfo, Da. Teinha, Geraldo Ayres, Laura, Seu Bastos, seu Isaías de um papo agradabilíssimo, Do Edson Bastos e não esquecendo meu saudoso amigo, Martinhão, O Golias, quando dizia em alto e bom som para sua esposa: Auri, café, charuto e fósforo .

As lágrimas começam a cair, não de tristeza e sim de alegria, por recordar tantas coisas bonitas, simples daquela época.

Hoje, a saudade de minha casa, lá no quadro, está batendo forte, bota forte nisso, minha gente... Saudade de coisas que me fazem um bem danado... Não sei precisar por quanto tempo conseguirei ficar com essa saudade dentro de mim. Dos quartos de minha casa, um enorme quintal...hoje transformada em duas, com seu pé de tamarindo ainda sobrevivendo e tenho certeza lembrando da nossa casa com aquele caramanchão enorme e bonito que o tempo levou ou ceifou...

Mesmo assim, tenho vontade de voltar ao passado e dizer, contrariando a minha irmã Eunice que escrevera um dia: Eu era feliz e sabia, pois eu diria igual ao poeta: Eu era feliz e não sabia...

Nunca esqueci o Beco do Caboré, grande atleta do passado, hoje seguido pelo seu filho Luiz, que não sei se chegou a ser jogador de futebol e sim um bancário de sucesso e muito competente. Meu vizinho, Bitiã, pai do Boris, que hoje estão juntos ao lado do Criador.... Quanta lembrança... saudade agradável...

Não posso deixar de lembrar as horas felizes que passei nesta bucólica cidade, recebendo as primeiras informações culturais da minha professora Da. Anísia, mãe do meu amigo Bertinho e do saudoso Padre Francisco José... Minha avó materna, Da. Maria Luíza, que tenho uma profunda saudade pelos dias felizes que passei na sua casa, saboreando refeições gostosas feitas com amor, quando ainda morava no Ipu, onde vivenciei sua almofada de birros e seus crochês lindos, bem trabalhados...

Hoje, sentado no banco da Praça do Quadro olhando a Igrejinha, com meus cabelos brancos ainda sentindo o odor das famosas baforadas do charuto do seu Bastos, na rua da Goela, a alegria da Da. Mundica e Da. Filó... Vejo também Conceição, Natália, Maria de Jesus, Beré, a Beinha, Eunice, JP Mourão, Graça Ayres, Chico Melo, arquiteto Marrocos Aragão, Abílio e Tontim, através da AFAI e muitos outros divulgando as coisas de nossa terra com muita competência e maestria.

Esquecer, jamais, o prazer e porque não dizer honra de ter levado ao povo do Ipu minha comunicação através das rádios Iracema e Regional, às 13h, o Boa Tarde Minha Cidade, onde o Guaraná Volga, Pneumática Boris e o comerciante Antônio Tavares, que nos deixou prematuramente, patrocinavam o programa... Tempo bom que não volta nunca mais...

Minha irmã Eunice, como gostaria de ter seu dom de escrever, para poder mostrar ao povo de minha terra as belezas que só o Ipu tem... Mesmo assim, arrisco relatar a beleza da famosa Bica do Ipu, onde, segundo José de Alencar, a Índia Iracema tomava banho e corria para se enxugar em nossa capital... Da Nainha, poetisa de mão cheia, minha Mãe, ignorada pelos pequenos de espírito, mas ovacionada pelos intelectuais que já leram seus versos...

Assim, em rápidas pinceladas, julgo ter conseguido re-
ver coisas boas que não voltam nunca mais e que temos o direito de fazê-las voltar à tona para alguém também sentir saudade... Comemorando meus 67 anos bem vividos...

Janeiro, 25 de 2012



EXPRESSÃO
GRÁFICA
EDITORIA

Rua João Cordeiro, 1285
(85) 3464.2222 • Fortaleza-CE
www.expressoagrafica.com.br

FILIADA À CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

